ILUSTRAÇÃO

N.º 335 — 14.º ano

NA LINHA DE FOGO

1-DEZEMBRO-1939

PREÇO-5 escudos

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

81 — **A Agência Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

82 — **A Agência Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**

os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias e

Produits BÉJEAN - Paris

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES

IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

UMA GRANDE FIGURA NACIONAL

À VENDA

O MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

pelo **Prof. Dr. COSTA LOBO**

A mais completa biografia do valoroso militar, do insigne estadista, diplomata e cientista. Verdadeira síntese de uma vida de virtudes

1 vol de 306 págs., com 6 grav., broc. . . . **Esc. 12$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

O MAIOR SORTIMENTO DE

LIVROS DE MEDICINA

A maior variedade tanto nacionais como estrangeiros

Livraria Bertrand — (A mais antiga do País)

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do País

DICIONÁRIO DE AUTORIDADE INCONTESTAVEL
E O MAIS BARATO DE TODOS

O mais moderno dos Dicionários
da Língua Portuguesa para o ensino liceal

Aprovado defenitivamente por despacho de 18 de Outubro de 1938 («Diário do Govêrno» de 30 de Novembro de 1938)

Dicionário da Língua Portuguesa

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde,

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 7$50**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

PARA OS LICEUS

Obras da Prof.ª DR.ª SEOMARA DA COSTA PRIMO aprovadas pelo Ministério de Educação Nacional.

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos, com 218 figuras e 3 est. a côres ... **Esc. 18$00**

Compêndio de Biologia, para o 3.º ciclo dos liceus, com 112 figuras, 8 fotogravuras e 2 est. a côres ..... **Esc. 18$00**

Compêndio de Zoologia, para o IV, V e VI anos, 336 págs. com 218 figuras, 8 fotogravuras e 3 est. a côres..... **Esc. 20$00**

O melhor livro de puericultura, de harmonia com o programa oficial é

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

PELO **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras

1 vol. de 368 págs., broc. ..... **Esc. 15$00**

Pedidos a **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa — que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de todos os LIVROS DE ESTUDOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc.

PARA AS FACULDADES

O mais completo e variado sortido de livros de **Medicina,** de **Direito,** de **Engenharia,** etc., tanto nacionais como estrangeiros

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **Prof. Dr. LUÍS DE PINA**

A primeira e mais completa obra no género, em Portugal

Indispensável aos estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor

Esc. 30$00

Fazem-se remessas à cobrança

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina
Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses
de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-DEZEMBRO-1939
N.º 335 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O monumento à Glória, hoje igreja da Madalena, em Paris

As tropas inglesas desfilam garbosamente em Paris, antes de seguir para a frente do Sarre. Desfilam perante a igreja da Madalena que não fôra construída para templo, mas para monumento à Glória, segundo o projecto de Napoleão.

Não foi executado o plano do glorioso vencedor de Austerlitz, por ter sugerido a derrota de Waterloo, e os Bourbons, no restauro das flores de lis, quererem acabar com tudo o que lhes falasse do côrso imortal.

Teriam o sangue real, mas faltava-lhes o génio que engrandeceu a França após uma tremenda convulsão. Os Buonapartes valiam mais que os Capetos...

O côrso glorioso idealizara êsse monumento, em cujo frontespício seria colocada a seguinte inscrição: *Homenagem ao Imperador Napoleão ao Grande Exército*. Lá dentro seriam colocadas tôdas as bandeiras tomadas ao inimigo, e cada marechal teria a sua estátua. Os coroneis, comandantes de regimentos, agrupados à volta dos seus generais, figurariam em baixos relevos, e todos os soldados teriam o seu nome inscrito naquelas pedras sagradas,

Todos os anos, no dia 2 de Dezembro, seria ali celebrada uma festa em honra das virtudes guerreiras.

Era êste o plano de Napoleão, a que o arquitecto Pierre Vignon começou a dar andamento.

Deu-se o eclipse da Ilha de Elba e, em seguida, a derrota de Waterloo, sendo o Monumento à Glória transformado em igreja da Madalena.

Ao ver passar essas tropas junto do magestoso templo da esquina da rua Royale e do *boulevard* dos Capuchinhos, parece que essas majestosas colunas se transfiguram e que o Imperador volta a surgir, não como inimigo da Inglaterra, mas como o seu mais forte aliado.

Decorrido pouco mais de um século, quantas transformações através desta Europa convulsionada pela guerra!

Se Napoleão, após a derrota, «foi sentar-se como Temistocles na soleira da porta do seu mais poderoso inimigo», e não encontrou a hospitalidade que esperava, teve agora a mais bela compensação, após cento e vinte e quatro anos.

Por isso, o desfile das tropas britânicas, em frente da igreja da Madalena, mais parece uma homenagem ao glorioso vencido de Waterloo e uma impressionante evocação do Grande Exército.

Tropas inglesas desfilando em frente da Igreja da Madalena em Paris

DICIONÁRIO DE AUTORIDADE INCONTESTAVEL
E O MAIS BARATO DE TODOS

O mais moderno dos Dicionários
da Língua Portuguesa para o ensino liceal

Aprovado defenitivamente por despacho de 18 de Outubro de 1938
(«Diário do Govêrno» de 30 de Novembro de 1938)

Dicionário da Língua Portuguesa

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde,

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 7$50**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

PARA OS LICEUS

Obras da Prof.ª DR.ª SEOMARA DA COSTA PRIMO
aprovadas pelo Ministério de Educação Nacional.

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos, com 218 figuras e 3 est. a côres ... **Esc. 18$00**

Compêndio de Biologia, para o 3.º ciclo dos liceus, com 112 figuras, 8 fotogravuras e 2 est. a côres ..... **Esc. 18$00**

Compêndio de Zoologia, para o IV, V e VI anos, 336 págs. com 218 figuras, 8 fotogravuras e 3 est. a côres..... **Esc. 20$00**

O melhor livro de puericultura, de
harmonia com o programa oficial é

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

PELO **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras

1 vol. de 368 págs., broc. ..... **Esc. 15$00**

Pedidos a **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa — que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de todos os LIVROS DE ESTUDOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc.

PARA AS FACULDADES

O mais completo e variado sortido de livros de
Medicina, de **Direito,**
de **Engenharia,** etc., tanto nacionais
como estrangeiros

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **Prof. Dr. LUÍS DE PINA**

A primeira e mais completa obra no género, em Portugal

Indispensável aos estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor

Esc. 30$00

Fazem-se remessas à cobrança

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina
Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses
de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-DEZEMBRO-1939
N.º 335 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O monumento à Glória, hoje igreja da Madalena, em Paris

As tropas inglesas desfilam garbosamente em Paris, antes de seguir para a frente do Sarre. Desfilam perante a igreja da Madalena que não fôra construída para templo, mas para monumento à Glória, segundo o projecto de Napoleão.

Não foi executado o plano do glorioso vencedor de Austerlitz, por ter sugerido a derrota de Waterloo, e os Bourbons, no restauro das flores de lis, quererem acabar com tudo o que lhes falasse do côrso imortal.

Teriam o sangue real, mas faltava-lhes o génio que engrandeceu a França após uma tremenda convulsão. Os Buonapartes valiam mais que os Capetos...

O côrso glorioso idealizara êsse monumento, em cujo frontespício seria colocada a seguinte inscrição: *Homenagem do Imperador Napoleão ao Grande Exército*. Lá dentro seriam colocadas tôdas as bandeiras tomadas ao inimigo, e cada marechal teria a sua estátua. Os coroneis, comandantes de regimentos, agrupados à volta dos seus generais, figurariam em baixos relevos, e todos os soldados teriam o seu nome inscrito naquelas pedras sagradas,

Todos os anos, no dia 2 de Dezembro, seria ali celebrada uma festa em honra das virtudes guerreiras.

Era êste o plano de Napoleão, a que o arquitecto Pierre Vignon começou a dar andamento.

Deu-se o eclipse da Ilha de Elba e, em seguida, a derrota de Waterloo, sendo o Monumento à Glória transformado em igreja da Madalena.

Ao ver passar essas tropas junto do magestoso templo da esquina da rua Royale e do *boulevard* dos Capuchinhos, parece que essas majestosas colunas se transfiguram e que o Imperador volta a surgir, não como inimigo da Inglaterra, mas como o seu mais forte aliado.

Decorrido pouco mais de um século, quantas transformações através desta Europa convulsionada pela guerra!

Se Napoleão, após a derrota, «foi sentar-se como Temistocles na soleira da porta do seu mais poderoso inimigo», e não encontrou a hospitalidade que esperava, teve agora a mais bela compensação, após cento e vinte e quatro anos.

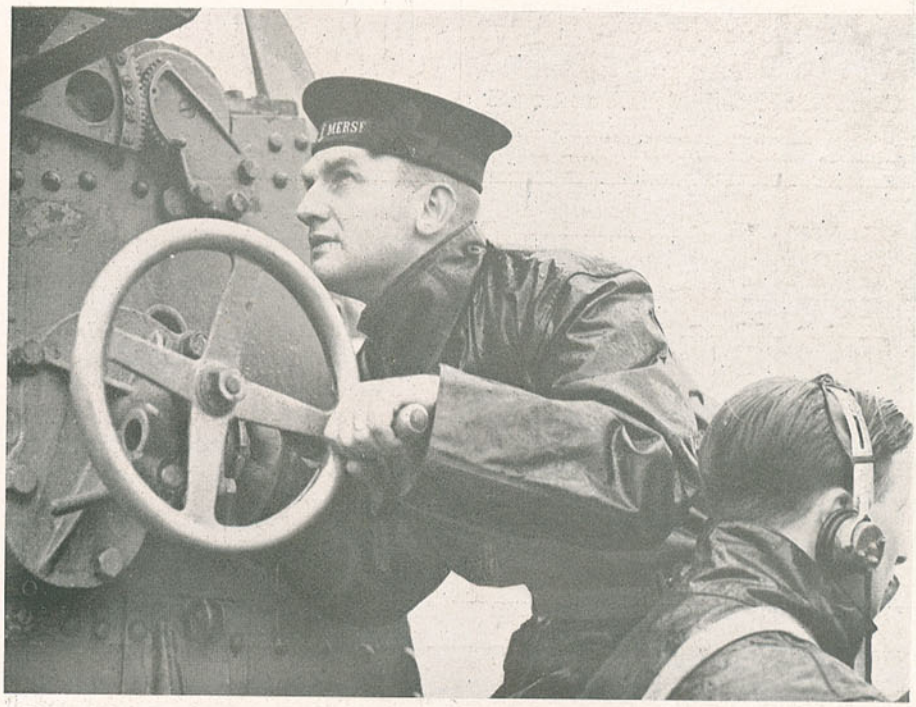
Por isso, o desfile das tropas britânicas, em frente da igreja da Madalena, mais parece uma homenagem ao glorioso vencido de Waterloo e uma impressionante evocação do Grande Exército.

Tropas inglesas desfilando em frente da Igreja da Madalena em Paris

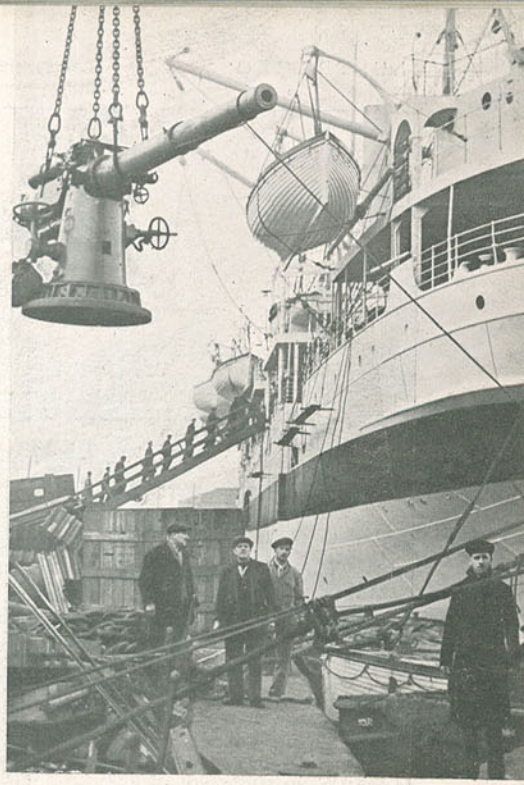
NOTÍCIAS DA QUINZENA

Em cima: Uma refeição aos pequeninos na instituição de assistência «Amparo à Criança» e o actor Charles Boyer, na base de Cabo Ruivo, momentos antes de tomar o «Clipper» que o conduziu à América. *Ao lado:* O Chefe do Estado, o Ministro da Educação Nacional e membros do Corpo Diplomático na abertura do III Salão Internacional de Arte Fotográfica, nas Belas Artes. *Em baixo:* Dois aspectos das recepções do sr. Cardeal Patriarca às dirigentes da Delegação Diocesana de Lisboa da Liga da Acção Católica *(à esquerda)* e às delegadas do Conselho Nacional da mesma Liga *(à direita)*

ASPECTOS DA GUERRA



Um artilheiro inglês no momento de fazer a pontaria a um avião alemão. Ao lado o telefonista vai prestando os esclarecimentos mais necessários



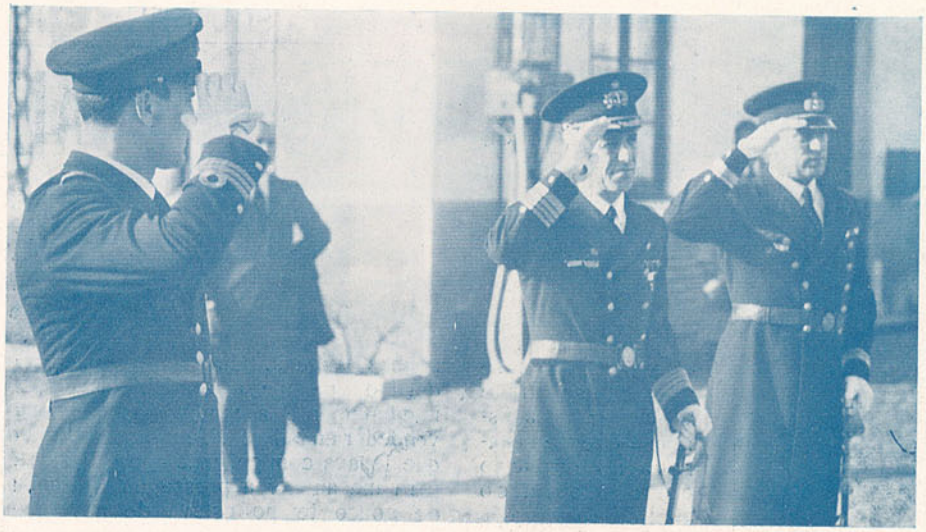
A marinha mercante britânica organiza a sua defesa com o método e a calma que são tradicionais na loira Albion. A gravura acima mostra um canhão no momento de ser içado para bordo de um paquete inglês. Desta maneira, o inofensivo barco poderá enfrentar qualquer inimigo que lhe surja pela frente

Os canhões ingleses, devidamente camuflados, têm sido um poderoso auxiliarr da segurança da área fortificada pelos franceses no Sarre

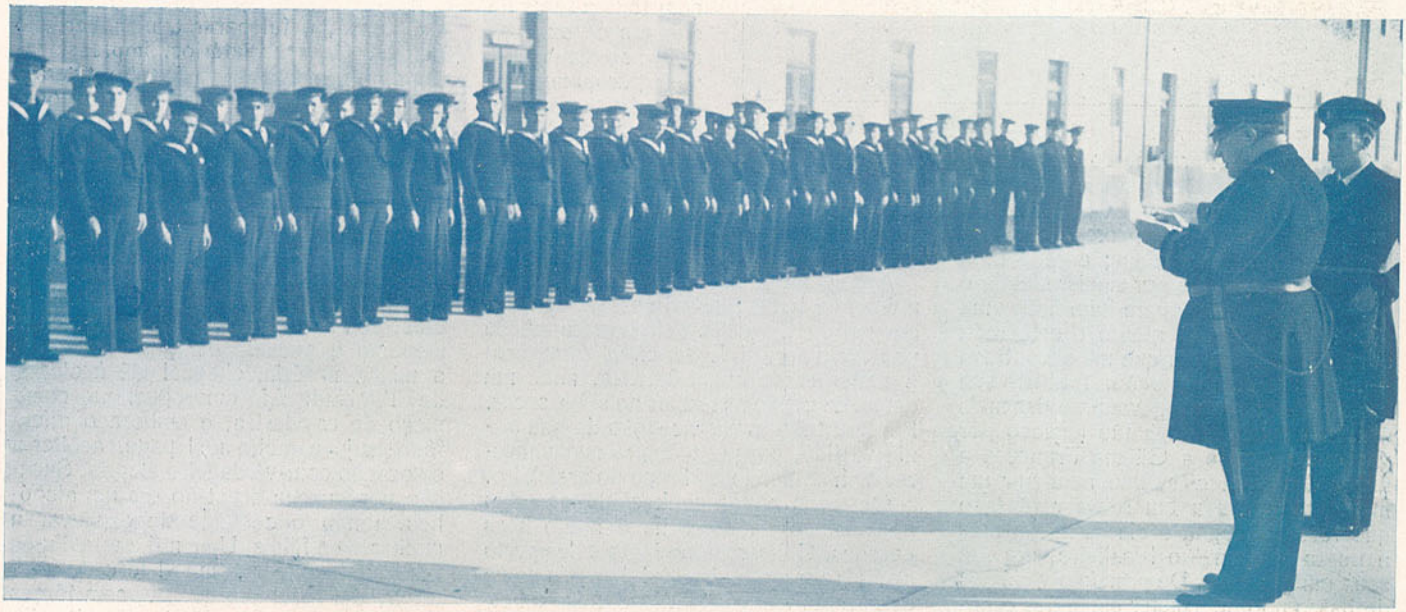
OS INGLESES NA GUERRA

A' esquerda: Quatro oficiais e um sargento da "Royal Air Force" condecorados pelo Rei Jorge VI por sua bravura e heroísmo; *ao centro:* S. M. com um grupo de pilotos que, audazmente, impediram o inimigo de atacar um "comboio" inglês que navegava no Mar do Norte e com alguns dos tripulantes cujos aparelhos patrulham as costas inglesas e têm efectuado, várias vezes, reconhecimentos sôbre a Alemanha com assinalado êxito; *em baixo:* um destacamento de infantaria inglesa, num pôsto avançado da fronteira da França

ECOS DA QUINZENA



Dois aspectos da homenagem prestada à memória de Sacadura Cabral no Centro da Aviação Marítima, por ocasião do 15.º aniversário do trágico acidente ocorrido no Mar do Norte, no qual perdeu a vida o glorioso aviador, companheiro de Gago Coutinho na 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul



O sr. Cardeal Patriarca na presidência da sessão de abertura do novo ano de trabalhos no Instituto de Cultura Religiosa, vendo-se à esquerda o sr. dr. Martins Pontes a discursar. — *Á direita:* O sr. dr. João de Deus Ramos discursando na sessão solene da abertura do novo ano lectivo do Jardim-Escola João de Deus

SOU UM DESGRAÇADO GRILHETA DA GUIANA

COMO ME SALVEI NUM ESQUIFE...

e voltei a ser preso quando me considerava mais seguro

pancada na cabeça. Perdi o equilíbrio e fui parar ao rio. O mais infame é que êsses dois miseráveis nem sequer pararam para ver se eu conseguia salvar-me. Deixando-me naquela aflitiva situação puseram-se logo a navegar a todo o pano, e sem olhar para trás. Ter-me-ia afogado se não conseguisse vencer a nado a distância que me separava do obstáculo em que o barco abalroara.

Pus-me a gritar com tôda a fôrça de que era capaz, mas o barco continuou a singrar quanto podia, não tardando a desaparecer da minha vista. Estava agora numa bonita situação — abandonado no meio do rio! Gritando e agitando os braços, de espaço a espaço, vi por fim um bote a remos conduzindo dois homens.

Tendo-me conformado com as condições propostas, separei-me do generoso holandês e demorei-me dois dias em casa do brasileiro. Não percebia uma palavra do que êles diziam; entendiamo-nos exclusivamente por sinais. Comia e dormia bem — o que para mim tinha uma grande importância, atento o estado de abatimento físico em que me encontrava — mas, em compensação, trabalhava brutalmente; encarregavam-me das mais árduas tarefas. Estava tão ansioso por ver entre mim e a Güiana Francesa a maior das distâncias, que nem por um momento pensava em recusar fôsse o que fôsse. Chegou o dia de iniciar-mos a nossa viagem — o brasileiro, um dos seus amigos e eu. De princípio viajámos de barco porque a maior parte dos caminhos, naquelas selvas, eram linhas de água. Durante dias, atravessámos a densa floresta, só parando aqui e ali, à procura de carne fresca, água, vinho e frutas.

Levava uma vida aborrecida, mas sentia-me feliz porque cada dia que passava me distanciava mais e mais de Saint-Laurent e de Caiena, cuja recordação ia desaparecendo no passado como um pesadelo distante.

Não me agradavam os companheiros, dois brutamontes que me tratavam como um escravo, mas que me serviam nos meus propósitos.

Inesperadamente, um dia, separámo-nos — em circunstâncias tão dramáticas que o incidente esteve a ponto de pôr termo à minha odisseia. Devido, segundo parece, a ter chocado com um banco de areia ou estôrvo semelhante, o barco esteve prestes a afundar-se. O brasileiro, num acesso de raiva, atribuindo-me o desastre, visto ser eu quem ia ao leme, avançou para mim rugindo ameaças. Ora, a paciência tem limites... Não podendo conter-me, defrontei-o disposto a defender-me, e vibrei-lhe uma bofetada. O brutamontes rugiu e, pegando num remo, descarregou-me uma violenta

Essa jornada de Manaus para Vila Bela foi a mais tranqüila de tôdas as minhas viagens. Chegado ao pôrto de destino, pus-me a caminho, iniciando imediatamente a minha carreira como vendedor ambulante. Vendi uma parte do que levava comigo, mas não o bastante para me animar a prosseguir, e dentro de pouco tempo estava de novo nas docas.

A certa altura, meio morto de fadiga e de miséria, fui parar a uma herdade isolada. Os proprietários, impressionados com o meu aspecto doentio, tiveram dó de mim e deixaram-me ficar como guardador de gado. Passado um mês, pouco mais ou menos, tinha a infelicidade de me pôr em conflito com um outro trabalhador da herdade, muito estimado dos patrões, mas dotado de um génio insuportável, e tanto bastou para ser despedido. Com as botas rotas, o fato esfarrapado, a barba e o cabelo crescidos e abandonados, tornara-me um mendigo e pedindo esmola, arrastando a minha miséria, cheguei até à cidade de Trinidad. Aí, empreguei-me como moço de cavalariça, e embora o ofício fôsse sujo e muito mal pago, aceitei a colocação com verdadeira alegria. Sucedia, porém, que o patrão era um alcoólico, tendo o costume de espancar a mulher e os filhos. Uma noite agrediu-os tão brutalmente que me vi forçado a intervir, daí resultado que eu, sem fôrças para me defrontar com êle, fiquei muito magoado e ligeiramente ferido. Farto a breve trecho, de Trinidad, de novo parti até Santa Cruz, e só parando em um ou outro lugar onde podia prestar pequenos serviços, a trôco de algum dinheiro.

Santa Cruz sorriu-me, porque ao segundo dia, passando junto do jardim de uma casa rica, deparou-se-me uma senhora de aspecto agradável, que se entretinha a tratar das flores. Entrei e ofereci-me como criado. A senhora, que estivera pouco antes em Paris, falava um pouco o francês e tomou-me ao seu serviço, como jardineiro. É claro que ela sabia mil vezes mais de jardinagem do que eu, e, assim, limitava-me a cumprir as suas ordens. Dava-me um bom ordenado e eu passei a andar limpo e mais satisfeito com a minha vida. Quando o marido regressou de Buenos Aires, ouvi-lhes dizer que essa bela terra, capital da Argentina, era, na sua opinião, a única que podia aproximar-se da minha querida cidade de Paris. As descrições que lhes ouvi provocaram-me o desejo de ver essa terra encantadora e, assim, embora com pena de os deixar, resolvi um dia tomar a mala-posta e dirigir-me a Tarija. Daqui, era fácil alcançar Buenos Aires pelo caminho de ferro mas, como não tinha dinheiro suficiente para para pagar o bilhete, precisava de arranjar colocação, qualquer que ela fôsse.

As minhas recordações de Tarija não podem ser piores; corri a cidade, de alto a baixo, sem encontrar colocação.

Só numa coisa me foi útil a minha estada ali: travei conhecimento com um funcionário do Estado, homem venal e corrupto, que, a trôco de uma soma de dinheiro, me forneceu documentos falsos que me emprestavam a qualidade de cidadão argentino, com o nome de Laregnie, o nome da rua de Paris onde viviam meu pai e minha mãe.

Nada mais esperando de Tarija, passei a Tupiza, que fica um pouco a oeste, e ali, quando já tinha gasto a minha última «peseta», encontrei trabalho numa fábrica de escôvas. Começava a sentir-me bem, e já me propunha iniciar dentro de dois meses a projectada viagem para Buenos Aires, quando apanhei um resfriamento, que me atacou os pulmões e me arrastou ao leito dum hospital. Estive à morte, mas ainda desta vez resisti; todavia, quando me deixaram levantar, estava tão fraco que mal podia andar.

Antes de seis meses não poderia voltar a trabalhar e pouco dinheiro me restava, porque o pessoal da enfermaria me levára quási tudo, embora, na verdade, eu fôsse mais bem tratado do que o comum dos doentes.

Só me restava uma coisa: voltar para a fábrica de escôvas e — recomeçar. Creio que já tinham passado dois anos sôbre êstes sucessos quando, finalmente, tomei o combóio. Sentia-me rejuvenescer; não há palavras que possam descrever a excitação e o prazer que em mim produziu o sentir-me voar pela planície imensa, contemplando deleitado, a caminho da civilização, aquela paisagem encantadora. Atingimos por fim a grande cidade — a mim afigurava-se imensa! — com as suas belas praças públicas, esplêndidas lojas, teatros, carros eléctricos e cafés resplandecentes de luz e admiráveis de confôrto. Andava positivamente encantado e gastei bastante dinheiro, representando o papel dum cavalheiro endinheirado. Não se pode imaginar como eu me sentia bem disposto, das provações que experimentára arrastando-me pela selva.

Quando me pareceu que já tinha gosado bastante o prazer daquela dôce transição, procurei trabalho. Desta vez, já aspirava a uma ocupação menos dura e pensava na justiça da minha pretensão, após uma vida errante, tão duradoura e eriçada de dificuldades.

Quando agora penso que arranjei colocação, como criado, no próprio consulado francês, rio comigo mesmo! Nêle me conservei durante dois anos e meio. É provável que ainda hoje ali estivesse, se um desejo invencível de saber dos meus velhos pais se não tivesse apoderado de mim. Um dia resolvi, custasse o que custasse, ir visitá-los. Ia a Paris, via-os, voltava para a Argentina. Talvez pudesse, até, trazer comigo os queridos velhos!

Entretanto, economizava bastante dinheiro e, com o pretexto de que precisava de visitar um tio que tinha na Europa, pedi uma licença, que me foi concedida, bem como o necessário passaporte. Tratei de procurar transporte para a Europa, escolhendo um barco que se dirigia a Génova.

Embarquei em Buenos Aires na maior alegria, seguramente convencido de que nunca seria reconhecido. Saíra de França muito novo; agora estava próximo dos quarenta, o cabelo tornára-se-me grisalho e as faces extremamente enrugadas por tão longo quão penoso sofrimento.

Remi a minha passagem para Génova trabalhando a bordo como moço do convés, e ao chegar àquêle porto despedi-me.

Assim que pude obter os documentos necessários para entrar em França, tomei o combóio, e dois dias depois encontrava-me nas ruas de Paris.

Foi êsse um grande dia da minha vida! Instalei-me num hotel e, mal anoiteceu, saí furtivamente, dirigindo-me para os lados do meu velho bairro. Quantas recordações dos tempos passados! Como foi bom abraçar os meus queridos pais e como êles rejubilaram de tornarem a vêr-me na sua cazinha! Tinham tido conhecimento da minha fuga, mas como não mais ouvissem falar de mim depois de ter deixado o terrível presídio de Saint Laurent, havia muito que me julgavam morto.

Estive em Paris cinco semanas. Como receava que alguns dos nossos vizinhos me notasse, nunca visitei os meus velhos senão de noite. Quási me persuadira a mim próprio de que era um homem livre, convencido como estava de que a polícia me tinha esquecido completamente.

Regenerado pelo sofrimento, e resolvido a não me juntar, em caso algum, às más companhias que me tinham perdido, ainda que as encontrasse, dispus-me a correr a cidade, em busca de trabalho, visto que meus pais não se dispunham, na sua idade, a ir tentar vida nova num país longínquo. Foi isso, precisamente, que me arrebatou a liberdade tão duramente conquistada! Alguém que me via entrar e saír de casa de meus pais, denunciou-me à polícia e, uma noite quando saía, fui agarrado à esquina da estreita rua de la Reynie, compreendendo logo que caíra nas mãos de dois agentes. Levaram-me para a esquadra. Procederam a averiguações e eu fui identificado por meio do meu antigo retrato e das impressões digitais, que êles foram desencantar no Pôsto Antropométrico da Prefeitura da Polícia.

Os meus famosos documentos de cidadão argentino, cuja falsidade foi fàcilmente reconhecida no decorrer das investigações, serviram á maravilha para me comprometer ainda mais. E eis-me aqui de novo encarcerado!

Clark Gable

A MULHER E OS SEUS ENTUSIASMOS

A mulher de hoje é muito criticada e verdade é que se as suas maneiras e a sua vida se modificaram por completo nos últimos vinte anos, e se a mulher moderna tem atitudes duma independência, até agora desconhecida da mulher, e, se a sua vida é quási a vida do homem, a mulher de 1939 tem os mesmos entusiasmos e as mesmas fraquezas da mulher de sempre.

O seu êrro é talvez manifestar desassombradamente êsses entusiasmos e dirigi-los a pessoas que os desprezam por serem muito numerosos os preitos que recebem.

Em tôdas as épocas, as mulheres tiveram uma predilecção especial pelos homens que exerciam uma certa profissão; nos tempos da Idade Média eram os guerreiros os seus preferidos, rudes homens de armas, que as amavam entre dois combates, e, aos quais elas muito queriam, talvez pela eminencia em que sempre estavam de os perder na lutas em que êles empenhavam a sua vida.

Com a Renascença fôram os trovadores os rivais temidos dos homens de armas, e as delicadas poesias cantadas à viola, exerceram profunda fascinação.

Com o romantismo os pálidos poetas voltaram a ser adorados, depois de no século XVIII, os galãs temidos, serem os espadachins e elegantes de bofes de renda, casaca de setim ou veludo, e altos tacões vermelhos.

Aqui há trinta anos de novo as fardas exerciam sôbre as mulheres a sua fascinação e um alferes cingido no seu «dolman» ou um guarda-marinha com a sua linda farda, povoavam os sonhos das raparigas, que muito próximo ainda das suas romanticas avós, viam nêles heróis que deslumbravam a sua fantasia e que muitos provaram mais tarde ser. É que a mulher para viver precisa de admirar ou de temer.

É talvez extranha esta afirmação mas é assim.

Hoje as raparigas modernas que proclamam a sua independência, que declaram ser individualistas, e quererem viver a sua vida, talvez com egoismo, apesar de tôdas essas declarações e de todos êsses pruridos de independencia, têm os mesmos entusiasmos e as mesmas fraquezas do que a mulher de outros tempos e declaram em alta voz a sua predilecção pelos actores de cinema.

As suas avós contentavam-se em suspirar e seguir com terno olhar a farda que as seduzira; as raparigas de hoje, ousadas e habituadas a fazer a sua vontade, assediam com cartas o galã que num «filme» as entusiasmou, e, quando um dêsses desempenados galãs, que fervilham em Hollywood, vem à Europa, arrisca-se a morrer sufocado, pelo entusiasmo das suas admiradoras, como sucedeu a Roberto Taylor na sua última viagem a Inglaterra.

Robert Taylor, bate o «record» em ter admiradoras, mas não é para admirar porque geralmente a tela apresenta-o como um sedutor enamorado, e, a sua aparencia de bonito rapaz recomenda-o, às suas admiradoras de todo o mundo.

Quando morreu Rodolfo Valentino, há mais de dez anos, já deixou duzias de platóricas apaixonadas, que o choraram sinceramente, mas Valentino era também o galã que desempenhava sempre o papel simpático. A mulher moderna não admira só o galã sentimental e a prova é o sucesso de Clark Gable, o grande artista da Metro Galdwyn Mayer.

Clark Gable, desempenha quási sempre um papel antipático e isso não o prejudica perante o belo sexo. Gable bem o sabe, e, é talvez por isso mesmo, que sendo êle um perfeito «gentleman» tem uma especial predilecção pelos papéis de jogador, de bandido e até de esbofeteador de mulheres, o que lhe deveria acarretar antipatias, mas há mulheres que sentem que isso não é um defeito num homem, é talvez falta de dignidade feminina ou consciencia de que a correcção que se dá às crianças é necessária a alguns adultos de espírito infantil.

Gable, acha que se não houvesse o cinico nos filmes, nunca brilharia o galã, que portanto tem talvez o papel principal. Segundo o artista todos temos alguma coisa de mau em nós que nos leva a simpatisar com quem desempenha dois papéis.

Seja ou não verdade isto, o caso é que Clark Gable tem grandes simpatias e muitas admiradoras e de tal forma se manifesta a sua viva admiração que para ter umas férias descansadas o actor querido, tem de usar de astucia de índio, para despistar tôdas e poder gozar em paz uns dias de descanso.

Se fizesse um cruzeiro a bordo dum navio teria de sofrer as conseqüências da sua aura de idolo das multidões.

Se fica em casa é a série ininterrupta dos convites dos amigos. Se procura longe a solidão arrisca-se a ser reconhecido, e, embora use outro nome, atribuem-lhe parecença consigo próprio, e, já isso se torna incómodo. Descobriu o meio de ser feliz e ignorado, descansando como precisava. Sem participar a ninguém, nem mesmo aos «Studios» para onde ia, partiu em segrêdo, para um rancho nas montanhas ao norte de Santa Barbara. Rancho que pertencia a pessoas influentes em Nova Yorque. Ninguém senão êle ali entraria, fôram as ordens dadas e observadas.

Ali esteve três semanas caçando, pescando e montando a cavalo; durante êsse tempo não fez a barba, não leu jornais, não ouviu «rádio». Estava afastada do mundo e descansou.

No fim de três semanas comprou provisões e partiu para um refugio em sitio que não indica e a que chama o «clube de caça», porque tem seis sócios Robert Taylor, Jack Comwoy, Edward Mamiÿ, Sam Wood, Spencer Tracy e Gable.

Em localidade secreta e um segrêdo de seis.

Ali esteve completamente só, cozinhando êle próprio os seus alimentos, e, dormindo, deitado ao sol, sem pensar em nada. Depois de sete anos dum trabalho exgotante fôram estas as suas férias, que verdadeiramente o repousaram.

E assim o astro do cinema nos revela o cansaço da popularidade e o desejo do isolamento, que ataca todos aqueles, que a multidão persegue e que são o idolo das gentes.

As mulheres que lhe escrevem cartas, que lhe pedem autógrafos, que o seguem na rua, tornam-no misantropo, dão-lhe o desejo de fugir à sua fatigante admiração, que se não limita a olhares e suspiros, como antigamente o faziam as meninas, mas que a energia e o desembaraço da mulher moderna traduz em veementes declarações, em exigencia de autógrafos, numa verdadeira perseguição que o não deixa descansar nem mesmo em férias.

E embora a tela o apresente em alguns «filmes», brutal, audacioso e até um bandido, o entusiasmo feminino não esmorece e não se abate.

E êste rapaz saudável e bondoso, é na vida real digno dêsse entusiasmo, é um pacato que gosta da solidão e aprecia imenso jogar as damas êsse jogo de farmácia de província, ou o xadrez em que se absorve dias inteiros. O entusiasmo das mulheres é merecido, é incómodo, é desculpável visto que em todos os tempos houve êsses dilirios por um homem ou uma profissão.

O que seria para aconselhar, seria um pouco mais de descrição nas suas manifestações, tornar-se-iam menos incómodas para o objecto delas e menos ridiculas aos olhos de quem as observa, com olhar critico e sangue-frio.

Admirem os artistas de cinema, como as mulheres de outro tempo admiraram os guerreiros, os trovadores, os espadachins, os poetas e os militares, mas admirem-nos com a correcção, que a dignidade feminina exige e sem ridicularisar na mulher essa faculdade tão interessante de se entusiasmar.

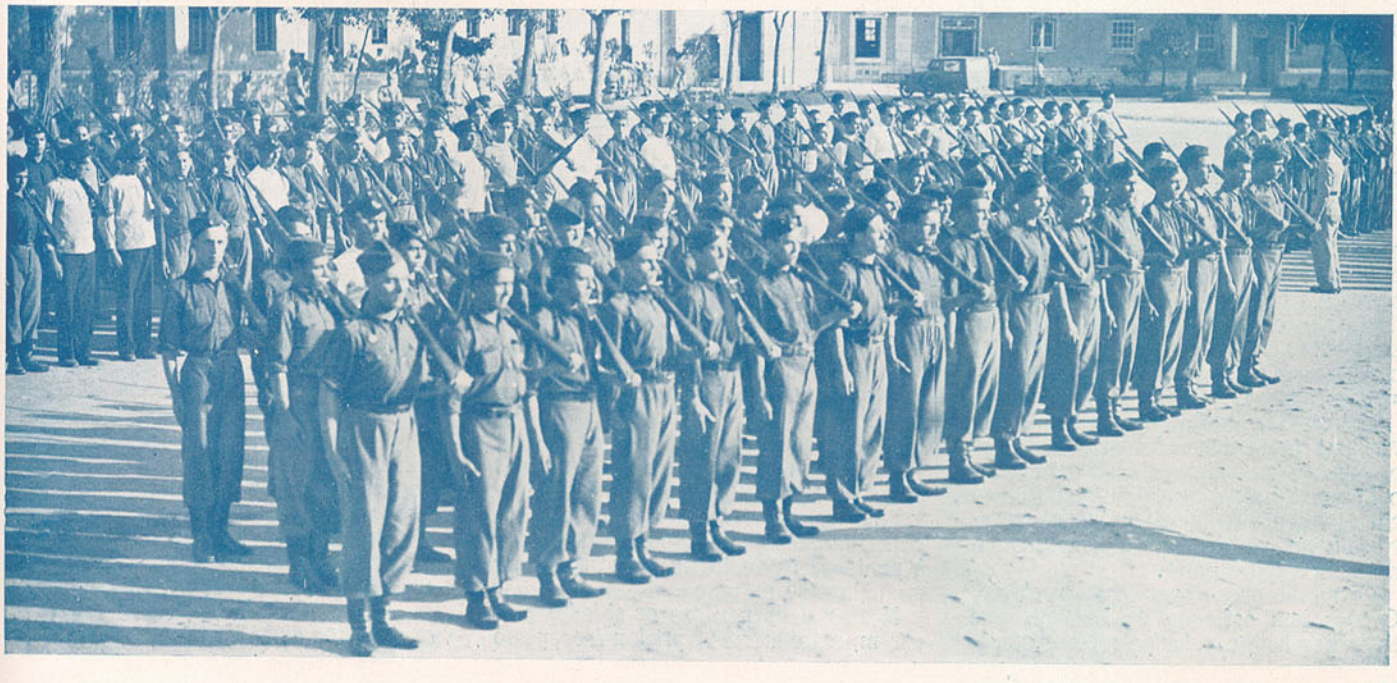
A correcção na atitude é um dos encantos da mulher, que mais sedutora a torna.

MARIA DE EÇA.

Robert Taylor concedendo autógrafos às suas admiradoras

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. Presidente da República conversando com o sr. Dr. Oliveira Salazar durante a visita que o Presidente do Conselho lhe fez por motivo do seu aniversário natalício. — *Ao centro:* O sr. Presidente da República com tôda a sua família, fotografados na Cidadela de Cascais. — *Em baixo:* Um aspecto dos exercícios da Mocidade Portuguesa, que passaram a fazer-se aos sábados



Marechal Lannes, retrato por Gérard

HÁ CENTO E TANTOS ANOS...

A TOMADA DE DANTZIG PELO "GRANDE EXERCITO"

Como Lefevre conquistou esta fortíssima cidade

Uma bala arrebatou-lhe o chapéu armado, e outras, passando de raspão, arrancaram-lhe os bordados a oiro, esburacaram-lhe o uniforme e levaram-lhe o *grand-cordon* da Legião de Honra.

Porém o marechal continuava a avançar, abatendo, praguejando e gritando sempre: Para a frente! Para a frente!

Apesar do seu uniforme esburacado pelas balas, rasgado pela ponta das baionetas, chamuscado pela pólvora e manchado de sangue e de lama já nenhum distintivo oferecer, os prussianos, ao verem aquele homem avançar sôbre êles, de espada em punho, incolume sob a mortífera chuva de balas, como se fôsse um dêsses semideuses que só podiam caír, quando trespassados por armas forjadas pelos próprios deuses, compreenderam que tinham na sua frente o grande marechal.

Nada mais foi preciso para acabar de os desmoralizar. Alguns minutos mais tarde, Lefevre e os granadeiros do 44.º de linha, desalojavam os prussianos do reduto e repeliam-nos, à ponta de baioneta, até junto dos *glacis* do forte de Hagelsberg.

Nesse próprio dia, e nos seguintes, os sitiantes prosseguiram activamente com os trabalhos de aproxe. Uma vez a segunda trincheira alargada e guarnecida (assim como a outra paralela aberta em frente ao Bischoffsberg) de batarias, continuaram a avançar, abrindo novos «zigue-zagues».

Entretanto, recebia o marechal Lefevre uma parte dos reforços prometidos e, numa carta extremamente afectuosa, o Imperador assegurava-lhe que, dentro em breve, chegariam a Dantzig os marechais Lannes e Mortier e o general Oudinot com a outra parte.

O moral das tropas era excelente. Graças aos esforços de Lefevre, que tinha por hábito velar pelos seus soldados com uma solicitude verdadeiramente paternal, êles de nada careciam no acampamento.

Por ordem de Lefevre, a sopa que se servia aos soldados era exactamente igual à que ia à sua mesa, assim como à de todos os oficiais. E não se passava uma semana, sem que o marechal, a fim de verificar a maneira como as suas ordens eram executadas, deixasse de ir provar a sopa dos caldeirões.

Então, em todo o acampamento, onde os soldados acendiam grandes fogueiras para se aquecerem, ressoavam entusiásticas aclamações.

— Viva o marechal Lefevre! Viva o nosso comandante! — gritavam em uníssono os franceses, os polacos, os saxónios e os badazes.

Depois de haverem engolido a apetitosa sopa fumegante, os soldados puxavam pelos seus cachimbos e, enquanto se fazia o ponche, cada um, por sua vez, contava as suas aventuras — aventuras de guerra e aventuras de amor...

Durante êsse tempo, Lefevre, Chasseloup e Lariboisière discutiam as operações que tinham de efectuar para levar a cabo o investimento da praça.

Antes de mais nada — reconheciam todos — era preciso interceptar as comunicações da praça com o forte de Weichselmünde, a fim de impedir os sitiados de receberem, pelo mar, reforços e munições.

No dia 15 de Abril o general Gardanne, que havia assumido o comando das fôrças, estabelecidas no banco de areia do Nehrung, desceu com essas fôrças, e com os reforços que lhe tinham mandado, a margem do Vistula e veio postar-se à beira do canal de Laake, entre Dantzig e o forte de Weichselmünde, a 700 toezas dêste forte. Nessa posição interceptavam o canal e poderiam, quando mais tarde as tropas do quartel-general, descendo pela esquerda, viessem estabelecer-se à beira do rio, interceptar o Vistula.

Esta operação, embora executada debaixo do fogo dos redutos da ilha de Holm, não apresentou, logo de início, grandes dificuldades. Porém, o marechal Kalckreuth, decidido a, custasse o que custasse, não permitir que os sitiantes lhe interceptassem as comunicações com o mar, organizou, no dia seguinte, duas grandes sortidas, a fim de os repelir do Nehrung e da entrada do canal.

No dia seguinte (16 de Abril) 3.000 russos saíram do forte de Weichselmünde. As fôrças do general Gardanne, pequenas no número mas impávidas no perigo, resistiram com a maior bravura e, após um renhido combate, conseguiram repelir os russos até junto dos *glacis* do forte.

Mal haviam terminado com os russos, viram-se obrigados a fazer frente aos prussianos saídos de Dantzig. Os sitiantes portaram-se com a mesma bravura, de modo que os prussianos, perseguidos à ponta de baioneta, tiveram que correr a encerrar-se na praça.

Nestas duas sortidas os sitiados perderam, entre mortos e prisioneiros, perto de 600 homens. As perdas dos sitiantes não chegaram a 200.

Após êste último combate, o general Gardanne tratou imediatamente de se consolidar nas suas posições.

Mandou construir, desde a margem do rio até à entrada do bosque, que cobria essa parte do Nehrung, dois espaldões para se abrigarem, tanto do fogo do forte como do fogo da praça. Mandou também construir grandes abatizes, de modo a tornar êsse bosque quási inacessível e, no meio dos entrincheiramentos, um forte *blockhaus*. Fora isso, estabeleceram uma guarda de chalupas, afim de impedir as embarcações dos sitiados de descerem ou subirem o Vistula.

Enquanto as fôrças do general Gardanne executavam na margem direita êstes trabalhos, as fôrças do quartel general construíam, na margem esquerda, redutos, para cruzarem os seus fogos com os das fôrças estabelecidas no Nehrung. Para se abrigarem dêsse lado construíram, numa extensão de 200 toezas, um entrincheiramento feito com gabiões.

Embora ainda faltasse tomar a ilha de Holm para que o investimento estivesse concluído, as embarcações já não podiam, livremente, subir e descer o Vistula.

Foram aprezadas várias embarcações e uma corveta, que tentava subir o Vístula, foi detida pelo fogo de ambas as margens. Os soldados, comandados pelo capitão de engenharia Lesecq, saltaram as trincheiras e, pondo-se a descoberto, crivaram de balas a embarcação inimiga. A corveta, virando de bordo, desceu o Vistula.

Um fragmento de metralha levou o sabre do capitão Lesecq, mas tão afortunadamente que nem de leve feriu o seu possuidor.

A 20 de Abril, o marechal Lefevre recebeu, enfim, o comboio de artilharia pesada. Escasseavam apenas as munições, mas, no entanto, já poderiam dentro em pouco, romper o fogo das baterias da primeira e da segunda paralela. Porém, nêsse mesmo dia 20, desencadeou-se sôbre tôda a região uma tempestade horrível e a neve atulhou quási completamenta as trincheiras. Foram precisos dois dias de trabalho intenso para os soldados as conseguirem desentulhar. Finalmente, a 23 de Abril, ao anoitecer, cinqüenta e oito bôcas de fogo principiaram a bater a praça e continuaram durante todo o dia seguinte.

Os sitiados responderam com um fogo activo e bem sustentado, mas o fogo da artilharia francesa (superiormente dirigida pelo general Lariboisière) era tão violento e tão diabolicamente eficaz que, após algumas horas dêste combate, já se encontravam arrasadas muitas canhoneiras e bastantes peças desmontadas.

A certa altura, os sitiantes viram grandes rolos de fumo negro elevarem-se de Dantzig e, pouco depois, rompendo por entre o fumo, grandes labaredas.

As granadas projectadas pelas peças estabelecidas na paralela aberta em frente ao Bischoffsberg tinham, conforme o general Lariboisière previra, provocado na cidade diversos incêndios.

O marechal Kalckreuth, comandante da praça, a-fim-de evitar que o fogo se propagasse, mandou imediatamente uma parte da guarnição auxiliar o povo na extinção do incêndio.

No dia seguinte, o marechal Lefevre, como era da praxe, mandou anunciar ao comandante da praça sitiada que ia começar a atirar projecteis incendiários.

Porém, o marechal Kalckreuth, sabendo que fàcilmente, devido à extraordinária abundância de água que possuíam, os sitiados conseguiriam apagar os fogos em Dantzig, não se impressionou com êsse ultimato.

Em vista desta atitude, o marechal Lefevre ordenou ao general de artilharia Lariboisière que continuasse a bater a praça.

Lariboisière apressou-se a obedecer. O fogo redobrou de intensidade, provocando novos incêndios, que a guarnição, com o auxílio dos habitantes da cidade, extinguiu, á custa de aturados esforços.

O general Lariboisière não desanimou e prosseguiu com a mesma energia. Estava certo de que, assim que recebesse as munições prometidas pelo Imperador, acabaria, não obstante tôda a água da cidade, todo o zêlo do comandante e todos os esforços da guarnição e do povo, por transformar Dantzig num brazeiro imenso.

Entretanto, os trabalhos de aproxe progrediam ràpidamente. Embora o combate das duas artilharias provocasse uma diversão útil ao avanço dêsses trabalhos, era, contudo, debaixo duma chuva incessante de *boulets (boulets* que, de quando em quando, lhes arrebatavam os gabiões e os sacos de terra) que os sapadores, com uma perseverança e uma abnegação verdadeiramente admiráveis, continuavam a escavar na areia.

Na noite de 25 para 26 de Abril, uma vez terminados os «zigue-zagues» começaram a abrir a terceira paralela e, durante quási dois dias, trabalharam intensamente, a-fim-de a terminarem o mais depressa possível.

Às sete horas da tarde de 27, cessou de repente o fogo da praça. Kalckreuth enganava-se redondamente julgando que iludiria Lefevre.

O marechal compreendeu imediatamente que o comandante da praça não mandara cessar o fogo por falta de munições ou devido às numerosas peças que tinha desmontadas, mas sim para retomar a ofensiva.

Sem perda dum instante, Lefevre mandou postar na terceira paralela, que, pelo facto de ainda não se encontrar terminada, era de fácil acesso, várias companhias de 12.º de ligeiros. Estas companhias, ocultas por detrás dos espaldões, esperaram resolutamente o ataque dos prussianos.

Lefevre não se enganara nos seus juizos. A intenção do marechal Kalckreuth era, realmente, ordenar uma sortida, a-fim-de ver se conseguia destruir os trabalhos dos sitiados.

As fôrças postadas por detrás dos espaldões, não tiveram que esperar muito. Perto de 600 granadeiros e 200 sapadores prussianos avançaram para a terceira paralela. Os piquetes, que vigiavam atentamente deitados por terra avistaram-nos e, obedecendo às ordens que tinham recebido do comandante em chefe, retiraram-se para os deixar entrar.

Porém, mal os prussianos haviam entrado na paralela, os franceses caíram sôbre êles, carregando-os impetuosamente à baioneta. O ferro cruzou-se com o ferro e então, passou-se na trincheira uma dessas cenas que poder-se-ia classificar de sublimes, se não fôsse serem horrorosas, mesmo entre os próprios horrores da guerra. Prussianos e franceses combatiam corpo a corpo, animados do maior heroísmo. Caíam prostrados, mas não recuavam ante as baionetas uns dos outros. O sangue dos mortos e dos feridos avermelhava já a terra arenosa.

A luta prosseguiu encarniçada. Dir-se-ia que a mesma rajada de heroísmo impelia tanto os sitiantes como sitiados. Mas era impossível resistir ao ímpeto dos franceses. Os prussianos, terrívelmente reduzidos, ainda durante algum tempo se defenderam denodadamente, mas depois, compreendendo que a continuação da sua resistência representava um suicídio inútil, principiaram a ceder.

Por fim, viram-se obrigados a abandonar a paralela e os franceses, repeliram-nos, à ponta de baioneta, até junto dos *glacis* da praça.

No fim dêsse combate horrível à arma branca, a trincheira achava-se juncada de mortos e de feridos. As perdas dos sitiados, em comparação com as dos sitiantes, haviam sido tremendas. Muitos foram feitos prisioneiros e perto de 150 ficaram prostrados.

O marechal Kalckreuth mandou pedir ao marechal Lefevre duas horas de suspensão de hostilidades, a-fim-de poderem levantar os mortos e os feridos. Lefevre acedeu imediatamente ao desejo do comandante da praça.

Os generais Lariboisière e Chasseloup aproveitaram essas duas horas de suspensão de armas para fazerem alguns reconhecimentos. Disfarçaram-se hàbilmente, de modo que conseguiram aproximar-se da praça desapercebidos.

Marechal Mortier, retrato por Larivière

Quando regressaram ao acampamento, já haviam descoberto as posições donde poderiam bater com mais eficácia as fortificações dos sitiados.

Acto contínuo, trataram de estabelecer batarias nos pontos que tinham escolhido e êsses pontos foram postos em comunicação com as trincheiras por meio de «zigue-zagues».

Na noite de 28 para 29, os sitiados fizeram uma nova sortida, com uma coluna de 2.000 homens, dividida em três destacamentos. O primeiro dêsses destacamentos avançou para a terceira paralela. Duas companhias do 19.º de linha, que estavam postadas na trincheira, carregaram-nos violentamente à baioneta e obrigaram-nos a recuar, até aos *glacis* do Hagelsberg. Mas lá, do «caminho coberto», fizeram sôbre os sitiantes um fogo vivíssimo e o segundo destacamento, que êles não tinham avistado, envolveu-os num instante. Os franceses defenderam-se corajosamente. Perderam 40 homens, mas, reforçados a tempo, conseguiram desembaraçar-se e rechassar os prussianos. Estes perderam 70 homens e deixaram nas mãos dos sitiantes 150 prisioneiros.

Não obstante estes dois violentos ataques, os sapadores haviam acabado a terceira paralela. O marechal Lefevre recebera, entretanto, vários comboios de artilharia, de maneira que já podiam meter em bataria mais de 80 peças de grande calibre.

Era chegado o momento de desembocarem, tanto pela direita como pela esquerda, da terceira paralela, a fim de avançarem para os salientes do Hagelsberg.

Esta fortificação compunha-se de dois bastiões, no meio das quais havia uma «meia lua». Os sitiantes principia-

A sepa no acampamento do «Grande Exército», por Charlet

ram a avançar para o saliente do bastião da esquerda e para o da «meia lua».

Os trabalhos de aproxe, como sempre nessa altura, tornaram-se extremamente perigosos. Era debaixo do fogo terrível dos canhões inimigos que os sapadores tinham que abrir as trincheiras. E, como se não bastasse para os atormentar a mortífera chuva que os artilheiros da praça faziam cair incessantemente sôbre êles, ainda por cima o terreno, devido a, como já dissemos, ser arenoso, dificultava imenso todos os trabalhos, forçando-os a avançar muito lentamente.

Havia já dois meses que estavam em frente de Dantzig. O marechal fervia de impaciência. Essas delongas, aliás absolutamente próprias num cêrco em regra, exasperavam-no até não poder ser mais.

Tôdas as noites, quando Lariboisière, Chasseloup e Kirgener vinham conferenciar com êle à sua tenda o marechal, passeando dum lado para o outro como uma fera enjaulada, fazia-lhes invariàvelmente as mesmas preguntas.

— Quando é que acabarão os trabalhos de aproxe? Quando é que as brechas estarão praticáveis? Quando é que poderei dar o assalto?

Lefevre era bem, como os seus companheiros de armas o definiam, o fogoso cavalo que arrebita as orelhas, que vibra todo, ao ouvir o som já conhecido dos clarins e que remorde o freio, ansioso por correr a lançar-se no ponto mais aceso da refrega!

Debaixo dêste tiroteio de preguntas o general Chasseloup, sem se impacientar, dava-lhe invariàvelmente também a mesma resposta.

— Não tarda muito, meu marechal, não tarda muito.

— Não tarda muito... não tarda muito... — resmungava Lefevre, tirando grandes fumaças do seu velho cachimbo — todos os dias me dizem isso e o tempo vai passando. Há já quási dois meses que estamos em frente a esta maldita cidade e eu não vejo nada feito!

Embora achassem pueril a impaciência do seu comandante, no seu íntimo, os generais não podiam deixar de admirar profundamente aquele homem, verdadeiro herói de Plutarco, que, sem ter a aguilhoá-lo o desejo de conquistar os louros da Glória ou os sorrisos da Fortuna, visto que coroado estava êle de louros e como marechal de França já mais alto não podia ascender, esperava, ansiosamente, o momento do assalto, para, expondo o seu peito às balas, ir plantar nas muralhas de Dantzig a bandeira tricolor!

É que Lefevre era um dêsses antigos soldados da República, que se batiam, não para conquistar postos, honrarias e riquezas, mas sim para defender e glorificar a França!

E tanto Francisco Lefevre se batera pela Pátria e não como tantos outros, pelos proveitos da Glória, que (êles sabiam-no bem) por única fortuna tinha o seu soldo.

— Façam-me um buraco nessas malditas muralhas e verão como eu, com os meus granadeiros, lhes tomo a praça!

É possível que eu seja um dos primeiros a cair, mas, estou certo, que os meus granadeiros vingarão a minha morte tomando Dantzig.

E se, mesmo antes dos trabalhos de aproxe estarem concluídos — acrescentou, virando-se para os generais presentes — eu ordenasse um ataque geral?

Era uma temeridade, cujos resultados tanto podiam ser gloriosos como desastrosos.

Chasseloup e Lariboisière calaram-se sem se atreverem a dar uma resposta imediata.

— Permita-me, Vossa Excelência, meu marechal — respondeu, por fim, Chasseloup — lembrar-lhe que os russos, em 1724, perderam, numa tentativa dêsse género, 5.000 homens, em frente a Dantzig.

— Mas que comparação — redarguiu o marechal, exaltadíssimo, ao mesmo tempo que dava um violento murro na mesa — existe entre êsses russos, que sovamos em Eylau e os soldados do Grande Exército?

A questão ter-se-ia fatalmente azedado, se Lariboisière não acudisse com um sensato alvitre.

— E se consultássemos o Imperador? — disse êle, virando-se para o comandante.

— Tem muita razão general — concordou Lefevre. — Ao Imperador sim, a êle que é um homem superior, é que compete decidir. Vou mandar imediatamente um correio ao acampamento de Finkenstein.

A resposta de Napoleão não se fez esperar.

«Domine a sua impaciência, querido Lefevre (dizia-lhe êle na sua carta) e prossiga com o cêrco. O peito dos seus granadeiros não pode abater muralhas como as de Dantzig.»

O marechal, que só via pelos olhos do seu Imperador, não tornou a falar no assalto e prosseguiu com as operações do cêrco.

Para que o investimento estivesse concluído, isto é, para que a praça estivesse cercada por um anel de ferro, era preciso tomarem a ilha de Holm. Só apoderando-se dessa ilha, é que, em seguida, conseguiriam assenhorear-se duma série de redutos, donde os prussianos batiam de reverso as trincheiras, obrigando os sitiados a construir *traverses*, o que demorava o avanço dos trabalhos.

Na noite de 6 para 7 de Maio, o general Gardanne recebeu ordem de atravessar em jangadas o canal de Laake. 800 homens desceram pela esquerda do quartel general até à margem do rio para irem executar o ataque principal. Às 10 horas da noite, doze barcas chegaram, sem que ninguém as avistasse, em frente à aldeia de Schelmühl. À 1 hora da noite, as barcas, conduzindo o regimento da guarda de Paris, o 2.º e 12.º de ligeiros e 50 sapadores, aportaram à ilha de Holm.

Os sitiantes foram recebidos com uma chuva de balas, mas, não obstante o fogo, conseguiram saltar em terra. Os granadeiros da guarda de Paris correram para o reduto mais próximo e, sem dispararem um tiro, tomaram-no aos russos que o defendiam. Ao mesmo tempo 100 homens do 12.º de ligeiros e outros 100 do 2.º, lançaram-se simultâneamente aos outros dois redutos. Volvidos minutos, a-pesar-do fogo intenso do inimigo, os redutos achavam-se tomados e os russos feitos prisioneiros.

Por êsse tempo desembarcava na ilha uma segunda coluna, composta de badezes e de soldados da legião do Norte. Esta coluna tomou a direita e avançou para o lado da ilha que domina a cidade de Dantzig. Os badezes e os soldados da legião do Norte, estimulados pelo exemplo que os seus camaradas franceses lhes acabavam de dar, arrojaram-se denodadamente aos postos inimigos. Num volver de olhos surpreenderam-nos e desarmaram-nos tomando-lhe 200 homens e 200 cavalos de artilharia. Por seu turno, o general Gardanne atravessara o canal de Laake e estabelecera-se na ilha.

Uma vez ocupada a ilha de Holm, os sitiados trataram imediatamente de atacar o reduto de Kalke-Schanze. Um destacamento composto de franceses, saxonios e de soldados da legião do Norte, comandado pelo major Roumette entrou nos fossos do reduto, com água até aos peitos, e lançou-se às palissadas. Não obstante o fogo violentíssimo, apoderaram-se do Kalke-Schanze no qual tomaram 180 prussianos, 4 oficiais e muitas bôcas de fogo.

Durante o ataque a êste reduto, um soldado francês, chamado Fortenas, levado pelo seu espírito de sacrifício verdadeiramente sublime, praticou uma acção idêntica à do célebre cavaleiro d'Assas.

Fortenas tinha caído no meio duma coluna russa. Estes, aproveitando-se da escuridão, principiaram no intuito de atraír os sitiantes a uma emboscada, a gritar: «Não atirem! Somos franceses!»

(Continua).

EUNICE PAULA

TENACIDADE

Madame Curie

ORA aqui está uma palavra que pode desdobrar-se em várias frases, tôdas querendo dizer a a mesma coisa.

Ser tenaz equivale a ser teimoso e a ser dotado de fôrça de vontade.

Qualidades que estão substanciadas na epígrafe desta crónica, e que mais nos ajudam a vencer na vida.

Não era êste o assunto sôbre que me dispunha hoje a escrever, quando me dirigia ao Café Chiado, para nêsse ambiente simpático cumprir a minha tarefa quinzenal da *Ilustração*.

Porque, entre parêntesis, eu não escrevo apenas sentada à minha secretária, na quietação do meu escritoriosinho.

Apetece-me até, mais vezes, um meio buliçoso e animado, para me entreter contigo, leitor amigo, e muitos dos meus livros fôram gizados na mesa dum Café.

Tal como disse o artista-escritor Diogo de Macedo, eu não tenho horas nem local determinados para passar ao papel os meus pensares.

É quando a vontade chega e a ocasião se proporciona.

Para um espírito independente é esta variedade e esta liberdade de acção o que mais convem e mais agrada.

Quando subi o elevador da Calçada da Glória, eu pensava justamente num assunto muito diferente dêste que vou glosar, quando um caso aparentemente sem importância chamou a minha atenção, aliás sempre alerta, como compete à comentadora da vida, que me prezo de ser, e cujos galões me fôram dados por grandes espíritos cá da terra, como António Ferro, que me chamou a «Escritora da Aventura» — vidè Vida, que é a maior aventura de nós todos, vencidos e vencedores, grandes e pequenos.

Defronte de mim vinha uma rapariga, vestida com elegante simplicidade, que num dado momento mostrou um dedo entrapado, cuja ligadura se desatou.

Ela, com uma paciência beneditina — paciência é ainda tenacidade — procurou com a outra mão atar o penso; dava um nó, com grande dificuldade, prendia uma das pontas com um dedo e puxava a outra; depois dava outro nó, para ter um nó cego, pelo mesmo processo.

Quando tudo estava arrumado, o atilho partiu-se.

—«Ela agora desiste», pensei.

Mas não. Sem sombra de impaciencia, a minha companheira de transito, recomeçou a operação teimosamente, e levou-a, então, a cabo com êxito completo.

O penso ficou firme para manter-se durante bastante tempo.

A impassibilidade da rapariga foi igual no triunfo à que mostrou, quando falhou o seu primeiro esfôrço.

Palavra que gostei de ver esta prova de uma completa educação da vontade, tanto mais que a minha caminhada pela vida está cheia de tentativas falhadas, logo seguidas de outras coroadas de êxito.

Sempre tive a mania de vencer obstáculos materiais e outros que só dependessem de teimosia.

Eu podia ter oferecido os meus préstimos para atar o atilho do dedo ferido, mas não quiz fazê-lo.

E não quiz exactamente para ver até onde ia a pertinácia da criatura em questão.

Interessou-me tanto como a outras pessoas pode interessar um «match» de «foot-ball».

E com mais forte razão, porque êste era um «match» a que só fôrças espirituais concorriam, enquanto que um «goal» pode meter-se depois de uma boa preparação física: ginástica e treino.

Num país como o nosso, onde se cultiva a tristeza atávica — ou lendária? consumidora de energias, com uma tendência acentuada para adiar iniciativas, empreendimentos no culto do «amanhã» êste exemplo de tenacidade é de assinalar.

Não sei se esta mulher era ou não portuguesa.

Trazia no casaco um emblema bordado, que não pude perceber convenientemente.

Seja como fôr, venha ela donde vier, uma prova de tal tenacidade deve merecer as nossas homenagens.

E até é pena que só eu no elevador reparasse para êste incidente, pois notei que apenas a minha atenção foi solicitada para o caso, porque obrigaria decerto a pensar e a reflectir os observadores.

Mais uma razão para demonstrar que há sempre alguém que nos vê num meio que nos parece absolutamente despreocupado.

Para a minha ocasional vizinha de elevador vão as minhas mais sentidas simpatias e a admiração do meu espírito treinado na tenacidade, que também se estendem a todos os meus companheiros na teimosia e na coragem da luta pela vida.

A tenacidade é precisa para tudo na vida, principalmente quando se têm ambições de glória.

Como conseguiriam ficar para sempre, na história dos seus países, homens como Pasteur, Curie, Marconi e tantos outros, que à ciência deram o melhor do seu esfôrço, se desistissem ao primeiro fracasso?

É à fôrça de vontade que a Humanidade deve o bem estar que lhe trouxeram os progressos obtidos nas artes, nas indústrias e na ciência, por espíritos tenazes, que nunca se deixaram desanimar depois de algumas experiências falhadas.

Essa maravilha dos jogos olímpicos nunca teria sido possível, se não fôsse a teimosia dos atletas para reforçar os seus músculos e dar aos seus movimentos a maior agilidade e leveza.

O que eles executam com uma facilidade que assombra, custou-lhes muitas horas de penoso exercício, no qual o seu corpo cansado parecia disposto a desistir, e desistiria, se não viesse em seu auxílio a vontade de vencer, de dominar a sua própria fraqueza, que depois se convertia numa fôrça invencível.

Tenacidade — eis a palavra mágica que nos pode abrir as portas da vitória.

MERCEDES BLASCO.

A tenacidade em acção

Moinhos no rio Caldo

PELO NORTE DE PORTUGAL

AS BELEZAS DA SERRA DO GEREZ

Por entre ciclópicas bravezas a lenda transforma-se em realidade

UMA legenda cristã, ingénua e suave como sorriso de criança, conta que Calcia Lúcia, casada com Lúcio Caio Atilio Severo, régulo que foi de Braga no tempo da dominação romana na Lusitânia, após muitos anos de esterilidade deu à luz nove meninas dum só parto: as quais meninas depois de crescidas se converteram ao cristianismo, sendo, por isso, objecto de perseguição por parte dos legionários romanos, que não levavam a bem que elas andassem por montes e vales a fazer apostolado da palavra, cheia de bondade e candura do Senhor. E de tal sorte obraram milagres e foram tais seu martírios, que o casal oriundo do país dos Césares, dotou a Côrte Celestial com mais nove santas, com os nomes de Quitéria, Germana, Vitória Marinha, Genebra, Eufêmia, Marciana, Bazília e Liberata, tôdas elas pródigas em benesses para os seus fieis devotos.

Das nove gêmeas, Santa Eufémia sofreu seu martírio na Serra do Gerez. Depois de a submeterem a suplícios de vária ordem, os bárbaros acabaram por despenhá-la pelas quebradas da serra, abrindo-se então, miraculosamente, umas fragas que recolheram seu corpo na queda e que, fechando-se de novo, a sepultaram — sepultura essa de onde mais tarde seus despojos foram trasladados para Orense, na Galiza. Foi no local onde êsse prodígio se operou — reza a tradição — que brotaram as fontes dessa água maravilhosa que é o alívio dos enfêrmos da fidadeira e órgãos confinantes.

Tal é a legenda que rodeia as águas do Gerez, e que achei interessante reproduzir nas suas linhas gerais, pela candura e ingenuïdade que encerra.

Porém a despeito da lenda, nada há de positivo que nos faça crer no conhecimento, por parte dos romanos, da existência destas Termas. O que se sabe, verdadeiramente, é que, só depois de descobertas as Caldas de Lafões, onde o Fundador da Nacionalidade foi tratar uma perna fracturada no cêrco de Badajoz; as Caldas do Banho em S. Pedro do Sul; as Caldas da Raïnha, preferidas por D. Leonor; as Caldas de Monchique, etc., é que elas foram encontradas — segundo opinião de alguns doutos investigadores — por uns pastores de Vilar da Veiga e Rio Caldo, e mereceram a atenção dum obscuro médico de Covide, chamado Manuel Ferreira de Azevêdo, que as estudou e começou a aplicar, com grande aproveitamento, cêrca do ano de 1700.

Mas fôsse ou não fôsse assim, não é a descoberta das famosas Caldas de Santa Eufêmia o motivo principal dêste artigo (o autor, leigo em coisas de tal natureza, jàmais se atreveria a tratar assunto tão transcendente).

Mas a legenda é interessante, e portanto aí fica o servir de preâmbulo a êste artigo de simgelas impressões — as impressões que me deixou a visão fugídia, quási cinematográfica, — mais não permitia a rapidez da viagem... — da surpreendente païsagem gereziana.

* * *

A Serra do Gerez é uma das mais belas do nosso Portugal. Suas maravilhas

Uma passagem para a Calcedónia no Gerez

são inumeráveis e desenrolam-se tão velozmente ante a retina, nesta fugaz visão de *écran*, que se torna impossível fixá-las tôdas.

A natureza, em ciclópicas bravezas, rasgou a dura rocha das escarpas em acidentados córregos, que sulcam as encostas abruptas, por onde a água se precipita em torrentes, em catadupas duma grande beleza, e que ao fim das ribas se transformam em rios encantadores, que vão embelezar e fertilizar os fundos dos vales. Tôda a seiva líquida irrompe em borbotões, gritando a vitalidade latente da serrania bruta, do pletórico gigante golpeado pela natureza numa sangria colossal.

A água é um dos maiores encantos desta região privilegiada, já pela sua abundância, já pela frescura e embelezamento que lhe empresta. E' o seu principal «motivo decorativo».

A linfa magnífica, manancial de riqueza e de vida, cascateia por todos os lados, salta aqui, salta ali, ora chorando as ignoradas dores da montanha, desfazendo-se em elegias de saüdade, ora rugindo as fúrias do gigante, em ímpetos de incompreensível ira. São cachoeiras admiráveis, lindas, de efeito surpreendente, que extasiam a vista num deslumbramento que não acaba mais. Mas há pontos onde a água desliza tão suavemente, tão passivamente, que lembra adormecida criança com seu ligeiro arfar.

Os córregos serpenteantes, tortuosos, que descem do alto até ao sopé, são as veias inexgotáveis por onde corre em fios cristalinos, rumorejantes, o sôro

Rio Homem em Ponte Feia

vital, o sangue incolor que jorra impetuoso das entranhas da serra. São linhas cintilantes que enleiam o dorso corcovado do gigante de granito, em fagueiras carícias. E as meninas dos olhos extasiam-se nas correntes límpidas do Rabagão, do Caldo, do Gerez, do Homem...

Mas isto não se vê duma vez só, num úuico golpe-de-vista. E' preciso subir a serra, a pé ou a cavalo (há quem prefira um bom automóvel para subir a estrada que corta a serra como *risca* sinuosa em cabêça de mulher), e ir vendo, e ir admirando, embora ràpidamente, sem demoradas paragens, porque a permanência na região é curta, e urge aproveitar o tempo. E não admirar só os caudais de água mas tôda a païsagem, e dilatar a vista pelos horizontes vastíssimos e maravilhosos.

O caminho, apertado como garganta, torcícola encosta acima, ladeado de alcantis que barram o horizonte. Mas a cumeada vai-se aproximando lentamente, como lenta é ascensão, e o âmbito vai-se alargando a pouco e pouco, até se abrir num vasto panorama.

Surge, ao sul, Vilar da Veiga, a capela de S. Bento da Porta Aberta, e ao longe, no céu de anil, o templo de Sameiro. Para o norte, a vista choca-se com o alto

Um lindo aspecto de Leonte, Gerez

de Leonte, de onde o panorama deve ser muito mais dilatado, e que eu desejaria galgar. A leste fica a Borrageira, e a serra do Marão, imponente fronteira de Trás-os-Montes. Ao poente, a extensa planura de Lamas, o môrro da Ruïna, o monte Rubio, atrás dos quais, dizem-me, ficam as aldeias de S. João do Campo, onde existiu a primeira fábrica de vidro do país, em tempos remotos, Covide e Vilarinho das Furnas. E os longes esfumam-se, perdem-se, em terra galega...

Mas que paupérrima descrição esta, Pai do Céu! Como a gente se sente pequenina ao tentar descrever as belezas inigualáveis da serra cheia de majestade e grandeza! Que maravilha de vegetação! Que altivez de píncaros! Que portentoso equilíbrio o de algumas penhas!

Desde o cimo da Pedra Bela, que recebe o primeiro beijo do Sol nascente, e o marco da Pereira, que recebe o seu último suspiro de moribundo, ao poente, até à falda da serra, por onde os rios correm em tôdas as direcções, quanta riqueza, quanta formosura, os olhos vêem! Que estupenda variedade de tons oferece a vegetação exuberantíssima, e como é assombrosa a bruteza granítica da penedia!

Desço rápido, atravesso a povoação, e vou contemplar, recolhidamente, o Banco de Ramalho, que Raúl Lino modelou na rocha que a preferência do grande escritor escolhera para os seus momentos de meditação, e visitar a Tebaida de mestre Artur Loureiro, — dois assombrosos artistas que «cantaram» no livro e na tela as belezas incomparáveis do Gerez. E deixo o contacto com a natureza, volto às Termas, ao centro civilizado da terra gereziana, relanceio a vista pelo viveiro florestal, pelo Parque, pelos hoteis, e fico-me a olhar, numa evocação da lenda, a ermidinha que o magnânimo e devoto D. João V mandou erigir, quási defronte das nascentes termais, em homenagem a Santa Eufêmia.

FRANCISCO AUGUSTO DA SILVA.

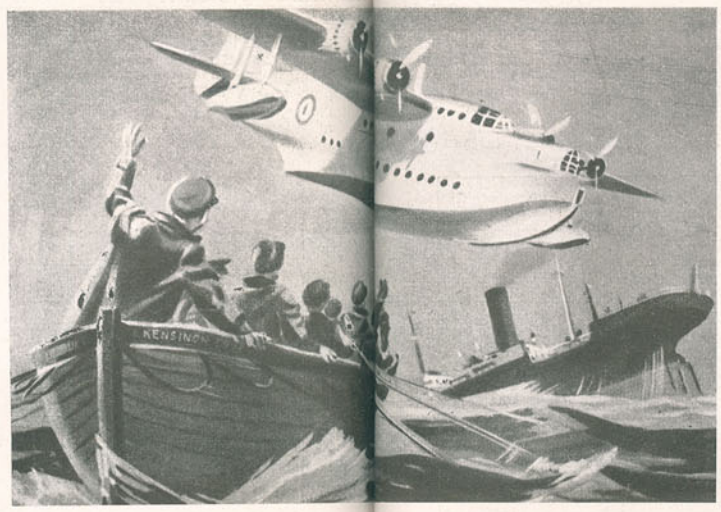
Velhas azenhas nas proximidades do encantador Gerez

Aldeia minhota nas proximidades do Gerez

IMAGENS DA GUERRA

Quelque part, em França: Um canhão, devidamente disfarçado, com a sua guarnição a postos, prepara-se para abrir fogo

No centro da Grã-Bretanha, num campo de prisioneiros alemães: Uma formatura dos prisioneiros antes da saída para os trabalhos. Notem-se os distintivos que permitem fácil identificação do prisioneiro dificultando as invasões. *Em baixo:* O desembarque em Tempelhof (Berlim) dos tripulantes do submarino que, penetrando em Scapa Flow, afundou o «Royal Oak», e foram, por tal motivo condecorados por Hitler, e um carro de assalto francês



Um navio inglês foi torpedeado pelos alemães. Recebido o S. do barco atingido, hidros britânicos acorrem ao local para imediato socôrro aos náufragos e evadem-se ao agressor. *Em baixo:* O cruzador-submarino francês «Surcouf», um dos mais potentes do mundo, e a temida mina alemã que deu à costa no Mar do Norte

No leste da França, na previsão duma ofensiva alemã: tropas inglesas atravessam uma aldeia francesa, a caminho dos postos que, na frente de batalha lhes foram destinados

Invisível para os aviões com o seu manto de gaze, êste canhão inglês, sentinela vigilante na fronteira do Sarre, está a postos para, ao primeiro sinal de alarme, barrar o caminho ao inimigo. *Em baixo:* Três «tommies» praticam exercícios de tiro, enquanto não é preciso fazer fogo a valer, *(à esquerda)* e o Duque de Windsor, sem dar conta de que a neve cai em abundância, examina atentamente uma carta do Estado Maior que um oficial francês lhe mostra *(à direita)*.

O segrêdo do intelectualismo judeu: a paciente e cuidada leitura da Bíblia

«Que l'amour soit dans ton regard. Lorsque tu es dans la souffrance, sache qu'il existe un réconfort. Dieu te garde.» Albert Cohen, «Solal». Paris 1939.

AO CREPUSCULO

As judiarias de

Breve evocação de um

TETUÃO e Larache, duas cidades marroquinas, uma do lado do Mediterrâneo, a outra debruçada sôbre o Atlântico, foram as cidades da zona espanhola de Marrocos, esquecendo Alcacer-Kibir e Alcacer-Seguir, tão gratas aos corações portugueses, que vivamente e mais nos interessaram.

Tetuão é uma das mais características cidades marroquinas, metade colonial, metade árabe, mistura de Andaluzia e África, sonho de expansão e Império, guardada à vista pelo Quartel da Legião, êste a dois passos do Rincon, sede dos Regulares Marroquinos.

A-pesar-da guerra de Espanha ter findado há mêses, e de as ruas principais, os cafés, as portas dos estabelecimentos e das boticas regorgitarem de soldados e oficiais, bizarramente fardados, Tetuão, a cidade do «Caudillo», vive tranqüila e feliz, tôda entregue ao sonho que mina Espanha há muitas gerações: África, romper o Atlas!

Tetuão é uma cidade muito diferente de Tânger. Tânger cidade portuguêsa, branca e noiva de tôda a gente, noiva de Portugal, de Espanha, de Inglaterra, noiva do Império Árabe, noiva de ninguém, zona onde todos mandam e ninguém governa, é uma cidade europeia, emmoldurada por dois ou três bairros árabes e duas praças mercados, perdendo todos os dias o que de característico e pitoresco a assinalava entre as outras cidades muçulmanas.

Tetuão é uma cidade estilo colonial, a dois passos da Europa, e da ponta da Europa, meio caminho entre Tânger e Ceuta.

Tem dois bairros velhos e curiosos: a mouraria e a judiaria. O primeiro é um bairro para estrangeiro ver, com seus bacalis pequenos e decorativos; ourives e fabricantes de coiros; pequenas oficinas, baiúcas de palmo e meio, tendo ao balcão moiros bronzeados, altos, espadaúdos e esfarrapados, guerreiros em férias, cujos olhos negros, vivos e profundos, espreitam o deserto e segredam desprêso pelos homens de outras raças.

A maioria dos artigos vendidos na mouraria são importados do estrangeiro, droga barata e má fabricada na Alemanha, no Japão ou na Itália.

Curioso o aspecto das ruas, decoradas à maneira árabe, com arcos de madeira e arabêscos bizarros, lembrando a todo o momento, a cada passo, cenário pobre de cinema, cheirando a tinta fresca.

As mesquitas pouco interêsse têm. São quartos solitários, chão coberto de esteiras; almofadas contornado os ângulos das paredes, nuas e brancas, caiadas e limpas.

É proibido entrar nas mesquitas, proibido e perigoso, mas é fácil à hora das orações, espreitar pelas portas entre-abertas.

Um velho rabino de Larache, procurando na leitura dos Salmos a alma de Israël...

O árabe é profundamente religioso, teme Deus e o seu Profeta, e atravessa a vida de braço dado com o destino, tudo aceitando com suave tranqüilidade: alegrias, sofrimento, cativeiro, a própria morte na esperança da vida eterna, tudo vontade do Profeta.

Nasceu livre, deu ao mundo uma das maiores civilizações de que o mundo se orgulha; aprofundou os mistérios da astronomia, das matemáticas e da medicina; atravessou desertos; aprefeiçoou-se na dura arte da guerra, e vive hoje dominado por outros povos, seus antigos escravos.

Paciente e calmo, olhos profundos e sentimentais, cuja música e poesia nos revelam um pouco da sua «mensagem interior», o árabe acredita em Deus e espera, espera que o destino lhe entregue outra vez o poderio e o mando, as montanhas que os seus olhos sondam nas curvas desmaiadas do horizonte.

A África muçulmana, Marrocos, constitui o espaço vital da França e da Espanha; Tânger um ponto nevrálgico no Mediterrâneo, novo Dantzing à vista...

Judeus ortodoxos, num dia triste de pog rom, salvando os livros sagrados

MARROQUINO

Tetuão e Larache

sacrifício milenário

A judiaria de Tetuão é um bairro miserável, muito pior que o nosso bairro de Alfama. As ruas são estreitas e sem luz, quási sem ar, a maioria delas como a *Rua de la Caridad*, são pouco menos do que subterrâneas.

¿Quantos anos tem a judiaria de Tetuão? Ninguém o sabe ao certo. Os próprios historiadores marroquinos, árabes e judeus não têm opinião assente. Visitei o «ghetto» de Tetuão duas vezes, uma delas sexta-feira à noite.

Fica junto da Mouraria, num dos ângulos da praça principal da cidade, quási ao pé do vice-consulado de Portugal.

A rua principal, viela comercial da judiaria, é triste, muito triste como o destino terrestre de Israël! De um lado e do outro pequenos estabelecimentos, sórdidos e miseráveis, sem luz e higiene, lugar para um homem e pouco mais.

¿Que vendem semelhantes estabelecimentos? Legumes, frutas, limões curados, azeitonas, saladas de tôdas as espécies, carne e pão. São poucos os bacalis de vestuário, e os que existem têm mercadoria árabe, mais barata do que na própria mouraria.

Curiosas são as sinagogas. A judiaria de Tetuão tem dezóito, algumas com dois ou três séculos de existência, do tipo da nossa sinagoga de Tomar ou das duas sinagogas de Faro, tectos cheios de lâmpadas de azeite, umas ardendo há séculos, a dôr e a luz unidas para a eternidade; outras ardendo há poucas semanas, lembrando os mortos da judiaria, os de ontem e os de hoje, os que se bateram pelo triunfo de Franco.

As portas da maioria das casas da judiaria de Tetuão são chapeadas de ferro, e todos os quartos são interiores, escavados nas muralhas, pequenas fortalezas. ¿Porque são chapeadas de ferro as portas das judiarias de Tetuão e Larache?

Para se defenderem dos ataques inesperados dos árabes. Há velhos carcomidos pelo tempo, barbas muito brancas, barrete preto na cabeça, — o dos árabes é vermelho, — que se lembram ainda dos últimos pogromos árabes.

Meia dúzia de guerreiros, descidos da montanha, noite-alta, invadia a judiaria, destruía os estabelecimentos, saqueava as casas, queimava as sinagogas e impunha pesadas multas.

Depois desaparecia a caminho das cabilas distantes, dando generosamente tempo aos judeus para se refazerem e amealharem dinheiro para novas multas. Muito mais inteligentes do que os nazis, estes generosos semitas-transviados... Lembrança triste da Polónia, da Hungria, da Roménia, da Russia e da Alemanha;

Parecem portugueses os judeus das judiarias de Tetuão e de Larache, sobretudo os desta linda cidade, construida à beira-mar, quási sôbre o porto, cabelos negros, ondulados, pele morena, estatura média, quási-portugueses do Algarve, queimados pelo sol do Atlântico.

Os costumes dos judeus de Tetuão e de Larache são iguais aos dos judeus de Tânger, e os dêstes iguais aos de Portugal e Castela.

De resto, parece averiguado que os judeus de Tetuão e de Larache, como os de Ceuta, praça de soberania espanhola, são descendentes dos judeus de Portugal e Espanha, fugidos às fogueiras da Inquisição nos reinados de D. João III e de Isabel-a-Católica.

A lingua que falam, *o espanholito*, tem muito de espanhol e de português, português do tempo da Inquisição, irmão do espanhol.

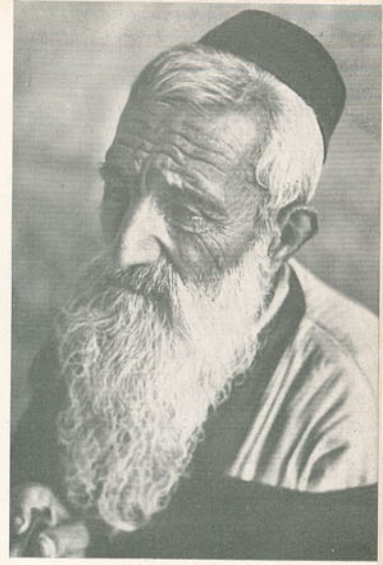
O estilo arquitectónico das sinagogas, barroco, tem muito de velho estilo português do Álgarve e lembra também, aqui e acolá, as velhas construções do sul da Andaluzia, província hispano-árabe.

Passei um sábado na judiaria de Larache, conversando com alguns judeus idosos, espanhóis de boa tempera, habituados ao barulho constante do Atlântico nas velhas e esburacadas muralhas do «ghetto».

A grande sinagoga de Larache, tôda pintada de verde, da côr do mar, vizinha do mar, fez-me lembrar uma das pequenas sinagogas de Faro, minha terra natal e onde meu avô passava dias inteiros consultando livros velhos, velhas escrituras esboruadas pelo tempo. Senti tantas saúdades dêle nessa tarde de Larache!

De uma das janelas da sinagoga comtemplei o Oceano, azul e quieto.

Tarde quente de Julho. Reinava a calma e o silêncio no «ghetto» de Larache. Quási sol-pôsto os judeus esperavam a hora de acender, o tiro de canhão, o mesmo que ouvi em Tetuão, anunciando que o sábado findara e o trabalho podia começar na judiaria.



Um nobre judeu de Tetuão

Esta é a hora mais triste de Marrocos. Muito ao contrário do que sucede na Europa, na maioria das cidades da Europa, nos campos, nas estepas, o crepúsculo marroquino é rápido e a noite tomba de cutelo, sem agonia. Finda ràpidamente o dia, a realidade; começa a noite, a incerteza, o sonho marroquino: visões de mil e uma noite...

Quando regressei a Tânger,—Larache como Tetuão estão guardadas à vista pela Legião—, a saüdade abria feridas na minha alma. As cabilas distantes eram pequenas manchas esbatidas na noite.

Tânger, 1939.

AUGUSTO D'ESAGUY

O momento da oração de Kol Nidré na noite de Kipour, início do dia do Grande Perdão, que reúne os judeus de todo o mundo

Fique sabendo que a luz do sol anda com uma velocidade de 330.000 quilómetros por segundo!

O amigo, espírito de contradição:

— Sim... mas é a descer!...

O marido lê o jornal à sensível espôsa:

— «... O veículo, ao dar uma curva apertada, subiu ao passeio, esmagando um transeunte, a esposa e um cãosinho...»

— Oh!... Pobre animalzinho!...

— Dá cá um cigarro... — pede o económico Matias.

— Toma lá... Mas disseram-me que tinhas deixado de fumar...

— Não!... Vou deixar, mas por enquanto estou em princípios... só deixei de comprar cigarros...

— Não percebo como regateaste tanto o preço do fato se não tencionavas pagá-lo!

— É uma questão de consciência... Assim, o alfaiate perde menos!...

Um indivíduo com aspecto de vésperas de falecimento, entra numa farmácia e pede:

— Estou muito mal... queria que me desse um bom tónico, alguma coisa qué...

— Sim, senhor. Temos aí um específico incomparável, o Elixir Lopes. Três colheres por dia e antes duma semana já o senhor se sente fino...

— Não, não... quero outra coisa qualquer...

— Mas não há melhor. Precisamente o que o senhor necessita é o Elixir Lopes. Todos os médicos o recomendam e vende-se imenso...

— Sim... acredito, mas prefiro qualquer outra coisa...

— Repito-lhe que o Elixir Lopes é uma verdadeira panaceia. Pode mais num dia do que os seus similares em um ano!... Eu que lho digo...

— Não, não quero!

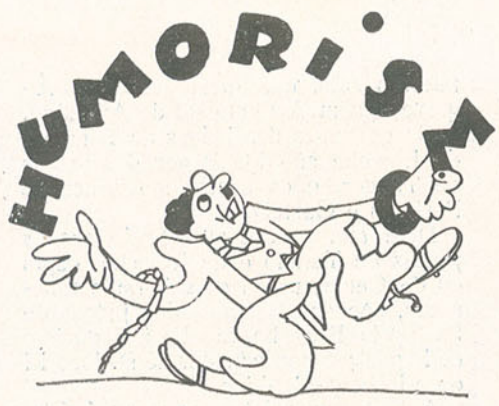
— Mas... o senhor tem alguma coisa a alegar contra o Elixir Lopes?

— Tenho...— respondeu o enfêrmo— ...é que eu sou o Lopes!...

— Minha mulher recebeu outra carta anónima!...

— Ah sim?... E de quem?

Jack, inglês pequenino, tem seis anos e uma mamã a quem costuma fazer arreliar. Um dia dêstes, deu-lhe a mamã dois tabefes bem merecidos. Sem dizer uma palavra, com as bochechas a estalar de vermelhas, vai brincar para a



praia. O pai encontra-o e pregunta-lhe:

— *Hello!*... Que há de novo, *my boy?*

— Nada de extraordinário, *my darling*... Tive uma pequena discussão com a tua mulher!...

A senhora: Porque deixou você a sua última casa?

A criada: Permito-me observar respeitosamente à senhora, que não lhe pregunto porque a deixou a sua última criada.

Um célebre discursador de assembleias gerais, aliava ao seu talento incontestável, um desleixo pela indumentária e pela higiéne que eram conhecidos. Dizia-se certo dia que o nosso homem não primava pela memória e um amigo explicou:

— Isso não o prejudica porque o Fulano está sempre àlerta e vai tomando nota de tudo nos punhos da camisa...

— Sim, com giz!...; — afirmou alguém do lado.

Uma senhora, que leva a vida a fazer cênas de ciúmes, foi consultar uma bruxa.

— As estrêlas dizem que a senhora brigou ontem com o seu homem. — diz-lhe a vidente.

— Ora que novidade — responde a consulente levando a mão ao olho direito, todo inchado — isso me disseram já ontem as estrêlas... que eu vi ao meio dia!

Estava a terminar um serão musical. A dona da casa pede a um tenor, que é seu convidado, que cante alguma coisa.

— De boa vontade — diz o interpelado —, mas talvez já seja tarde e incomode os vizinhos.

— Essa agora! — protesta a senhora. Agora, é a nossa vez. Também êles têm um cão que está sempre a maçar-nos!

O freguês: — Ouve lá rapaz: parece que agora os pratos são mais mal servidos do que no ano passado!

O criado: — Isso é uma ilusão de optica. Como o *restaurant* foi ampliado, parecem as rações mais pequenas.

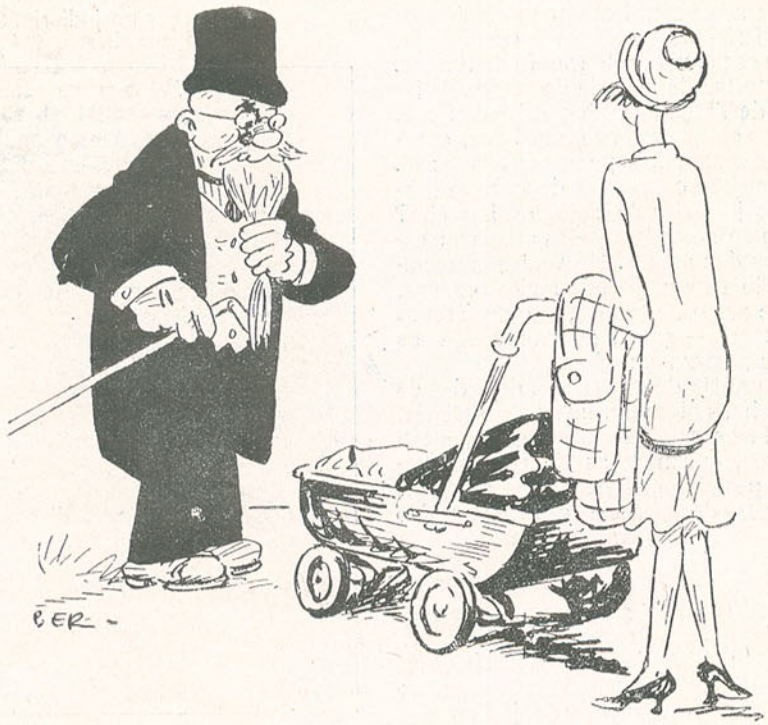
Falava-se de certo homem de letras de ânimo belicoso, sempre pronto a disparatar e que tem no activo mais duelos do que bons romances.

— Nunca tiveste relações com êle? — preguntam a certo autor cheio de graça e de fel.

— Tive!... Propôs-me uma vez colaboração...

— E tu?...

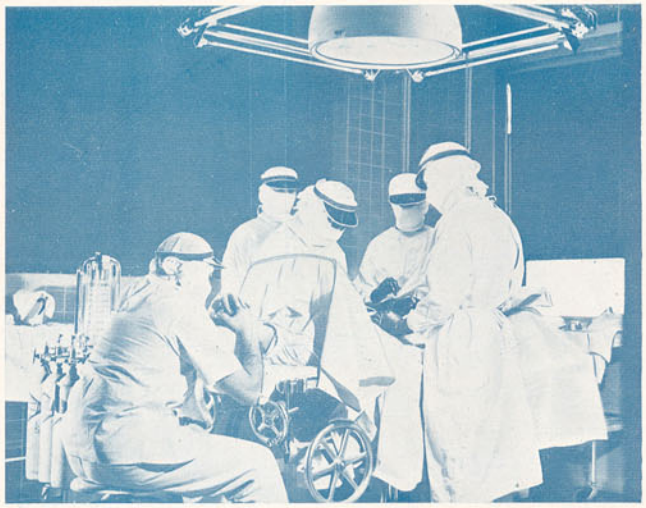
— Eu... dei-lhe tôdas as explicações e tôdas as desculpas!



— São os dois meus gemeozinhos, doutor...
— Belo!... Bonitas crianças! E... qual é o mais velho?...

ACTUALIDADES DA GUERRA

Em cima: Uma peça de artilharia disfarçada na frente francesa, pronta a entrar em acção — Chegada de carros de combate a uma pequena gare na retaguarda das trincheiras. — *Ao centro:* Instalação de abrigos num bosque próximo da linha de fogo. — Carros ligeiros de combate abrigados num pequeno bosque. — *Em baixo:* Um alto de tropas de infantaria — Dois soldados franceses construíndo uma sebe.



Uma operação realizada sob uma bateria de Sterilamps, que formam um quadrado em volta da lâmpada de iluminação

NO DOMÍNIO DA ELECTRICIDADE

UMA NOVA MANEIRA DE PURIFICAR O AR

A atmosfera, perigoso veículo transmissor de muitas doenças

O pó e os micróbios que a atmosfera contém estão em tôda a parte; no entanto muito mais no ar que circula por sôbre as cidades. As investigações têm demonstrado que os habitantes duma cidade onde existem fábricas aspiram, pelo menos, uma colher de chá de pó por dia. É verdade que 90 % das impurezas que respiramos são menores que um micron ou seja 1/1000 de milímetro, medida tão pequena que a vista a não pode perceber.

Porém, sôbre uma cidade populosa, onde existam muitas industrias, um metro cúbico de ar contém 7 a 140 milhões de partículas de pó e de bactérias...

É possível ver alguns átomos bailando num raio de sol; a nossa vista não pode, todavia, aperceber-se da imensa maioria das impurezas que o ar contém: corpúsculos que causam catarro e asma do tamanho de 15 a 25 microns; bactérias que oscilam entre 1 e 2 microns de diâmetro; partículas de fumo de 0,5 microns ou de 0,1 microns se o fumo fôr de tabaco.

A nova e pequena Sterilamp, um acessório para frigoríficos

Serão prejudiciais estas partículas? Sem dúvida. As bactérias propagam o tifo, a pneumonia, os catarros, o tétano, a tuberculose, etc.; o bolor desenvolve-se no pão, na carne, no leite; o fumo e o pó depositam-se nas paredes e no mobiliário; a sujidade faz deteriorar a mercadoria que se exibe — e tudo isto não é senão um pequeno extrato dos extensos dados que se têm àcêrca de tal assunto.

Está já desacreditado o velho sistema de filtros e o mais recente de ar acondicionado. É que não há possibilidade de eliminar os micróbios que não medem mais de 1/100 de diâmetro de um cabêlo humano e às vezes ainda menos.

Um outro método, muito engenhoso, é o de livrar o ar das impurezas ínfimas por meio da precipitação electro estática. As partículas não são filtradas; recebem uma descarga eléctrica e são extraídas do ar por uma fôrça eléctrica do mesmo modo que um iman atrai a limalha de ferro.

A possibilidade de purificar os gases por meio da electricidade descobriu-se há 115 anos. Porém, sòmente por meio da precipitação foi possível simplificar êste método ideal para purificar a atmosfera; ocupa tão pouco espaço e é tão prático que o aparelho necessário pode agora ser utilizado por todos, muito econòmicamente aliás.

Êste novíssimo iman do pó compõe-se de um número de unidades instaladas individualmente e depois agrupadas segundo a tarefa a desempenhar, o volume de ar a ser manipulado e o espaço disponível. Há dois tamanhos de unidades, de contôrno semelhante a caixas rectangulares; a mais pequena tem uma capacidade de purificação de 8 a 10 metros cúbicos por minuto e a maior uma capacidade de 17 a 21 metros cúbicos, o que produz uma purificação de ar de 85 a 90 %.

Para poder eliminar electro-estàticamente uma partícula existente no ar é necessário aplicar-lhe uma descarga eléctrica, colocando-a em seguida num campo electro-estático com um grau de voltagem suficiente para a atraír para uma placa onde adere por si própria. Nestes termos, cada caixa compõe-se de duas partes, a unidade de ionização e a de precipitação.

Nas câmaras de ionização o ar passa através de pequenos arames colocados entre cilindros ligados à terra. Os arames são abastecidos com corrente de alta voltagem, ionizando assim o ar e criando, de certo modo, um disco electro-estático que dará uma descarga eléctrica a tôdas as partículas de pó que passem por êle. Depois, nas câmaras de precipitação o ar passa por grande número de placas paralelas, estreitamente unidas. Alternadamente as placas estão ligadas à terra e carregadas de electricidade, estabelecendo assim outro disco electro-estático entre os sistemas de placas. Quando o ar passa pelas placas paralelas, êste disco exerce uma fôrça sôbre as partículas de pó electrizadas atraindo-as para as placas ligadas à terra, onde ficam depositadas, permitindo que o ar, quási completamente purificado, passe através dos orifícios de saída. Uma pequena unidade de fôrça, ligada a qualquer linha eléctrica, basta para fornecer a corrente de 12:000 vóltios para a ionização e de 5:500 vóltios para a precipitação.

Este aparelho, chamado Precipitron pode ter variadas aplicações. O pó que procede das fábricas e que constitue uma ameaça à saúde dos empregados ou prejudica a fabricação pode ser eliminado. Freqüentemente êste pó é valioso e justifica a sua recolha. Por exemplo, uma olaria do Estado de West-Virginia (América do Norte), instalou dez Precipitrôns nas suas máquinas automáticas para vidrar, com o fim de recuperar o excesso de vidro diluído no ar viciado. Cada um dêstes Precipitrons, numa semana de 40 horas de trabalho, recobra 363 quilos de vidro, de valor muito apreciável.

O ar pode ser purificado para proteger instalações delicadas, como são os equipamentos de distribuïção dos telefones automáticos, aos quais o pó é susceptível de ocasionar consideráveis dificuldades, pó êste que por ser tão fino é impossível de se remover sem a aplicação electro-estática. Numa central telefónica o número de interrupções mensais ocasionadas pelo pó desceu de 22 a 9.

Nos estabelecimentos o ar pode ser purificado para reduzir a deterioração da mercadoria e nas oficinas para diminuir o custo de limpeza das paredes, cortinas, mobiliário e arquivos. No meio dêste moderno tratamento, os primeiros quatro andares e a arcada inferior do novo Edifício Field, o mais alto de Chicago, são abastecidos de 455:000 metros cúbicos, por hora, de ar isento de pó e gérmens.

Finalmente, da purificação do ar pelo sistema electro-estático pode resultar um grande alívio dos que sofrem de asma e catarro e pode ainda reduzir as bactérias da atmosfera nas salas de operações e nos hospitais, diminuindo-se assim a percentagem de mortes e de infecções post-operatórias. A «Sociedade Americana de Engenheiros Especializados em Calefacção e Ventilação», cooperando com o Departamento de Higiene Industrial da Universidade de Pittsburgh, acaba de iniciar investigações destinadas a determinar até que grau o número de micro-organismos no ar, em especial nos locais operatórios, pode ser afectado pela precipitação e esterilização do pó por raios ultra-violetas.

Isto conduzirá a outros métodos para purificar o ar. Verificou-se ja que a radiação ultra-violeta não liberta o ar de elementos minerais ou de fumos, como por exemplo do pó de sílica ou fumo de tabaco. Sòmente destroi e ataca as matérias vivas, como as bactérias, germens, musgos e mofos.

A luz ordinária do Sol tem poderes esterilizantes; porém a sua acção sôbre as bactérias é relativamente débil desde que entra em contacto com o ar atmosférico. Também limitando-nos ao emprêgo de raios ultra-violetas, o método tornar-se-á insensato e custoso para os micro-organismos; seria atacar um esquilo com uma espingarda própria para caçar elefantes.

Nos laboratórios Westinghouse, onde o Precipitron foi construido, foi também fabricada a lâmpada Sterilamp, de fórma cilíndrica e contendo vapor de mercúrio e outros gases emissores.

A descarga de electricidade que passa por êste tubo proporciona uma emissão, quási sem calor, de raios ultra-violetas, muito eficiente na destruïção de bactérias e decerto muito barata, pois não requere mais energia que uma lâmpada incandescente de 10 vátios e possue uma vida útil de 4:000 horas, aproximadamente.

Lâmpadas Sterilamps, de forma cilíndrica, esterilizando copos num restaurante de Nove-Jersey

Êste processo é ainda o mais eficaz contra as infecções, post-operatórias, que às vezes sobrevêm. De facto, a técnica aséptica empregada pelos cirurgiões modernos não prevê defesa alguma contra a contaminação do ar. Recentes experiências realizadas numa clínica da Carolina do Norte demonstraram que grandes colónias do bacilo estafilocoque foram destruidas após um minuto de exposição à radiação da lâmpada Sterilamp a uma distância de metro e meio. Levaram-se a cabo intervenções cirúrgicas em doentes que foram submetidos aos raios da lâmpada e os resultados foram surpreendentes. Virtualmente, tôdas as bactérias existentes no ar ao redor da ferida, das mesas, instrumentos e acessórios foram destruidas e ainda, aos cantos da sala, a radiação eliminou 80 a 90 % dos gérmens. Sem excepção alguma, as infecções desapareceram.

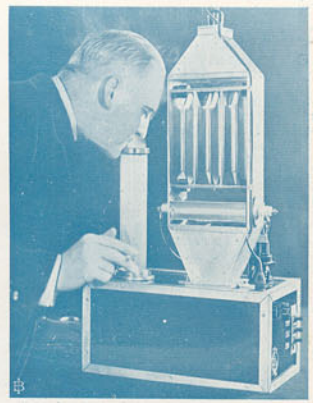
A grande vantagem desta arma anti-bacteriológica é a de poder atacar e aniquilar qualquer micro-organismo que não esteja fóra do alcance dos seus raios, ainda que já depositado na possível prêsa. Por isso a lâmpada é ideal para ser empregada nos frigoríficos, para o que foi criado um modêlo reduzido. Não só será eliminada a possibilidade dos alimentos se encherem de bolôr, mas também será destruida tôda a bactéria que flutue no ar circulante, antes de se depositar na carne ou nas frutas.

Talhos, leitarias e padarias experimentaram estas lâmpadas, obtendo diminuição considerável na deterioração dos produtos e tornando-os de melhor qualidade. Duas importantes confeitarias estão usando estas lâmpadas para retardar o desenvolvimento do bolôr nos pasteis de fruta e, como conseqüência, a deterioração foi reduzida de 15 % à insignificante percentagem de 1 ou 2 %.

E muitos outros e concordantes exemplos se poderiam apresentar.

Assim, hoje em dia, dois sistemas modernos, a precipitação electroestática e a radiação de raios ultra-violetas, de comprimento de onda adeqüado, são empregados para fazer com que o ar que respiramos e que entra em contacto com as necessidades da vida, seja tão puro como o que se respira nos pináculos das mais altas montanhas onde o próprio Sol faz êsse trabalho sem necessidade de ajuda humana.

ANDRÉ LION.



Eis um Precipitron. O fumo do tabaco, cujas partículas medem 1/2000 do diâmetro de um cabelo, fica no cilindro da esquerda. Ao passar pelo aparelho da direita, o ar fica instantâneamente purificado e limpo

VIDA ELEGANTE

Bodas de Ouro

No dia 16 do mês passado, festejaram as suas «Bodas de Ouro», cinqüenta anos de casados, a a sr.ª D. Piedade Lemos de Macedo Santos, e o sr. Dr. João de Macedo Santos, com uma festa íntima na sua casa na Figueira da Foz.

Jantares

A sr.ª D. Maria José Pereira Marques de Saraiva Lima e seu marido o sr. Dr. Jaime Saraiva Lima ofereceram na sua nova residência um jantar íntimo a alguns dos seus amigos, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, retirando os convidados extremamente encantados com os deliciosos momentos que os donos da casa lhes proporcionaram.

— No dia de S. Carlos Burromeu reüniu-se num jantar de confraternização na Pastelaria Marque, o «Grupo dos Carlos» presidindo ao jantar o sr. Dr. Carlos Cilia, tendo sido convivas os srs. Carlos Leal, Carlos Moniz Pereira, Carlos Silva, Carlos Eugénio Bandeira de Melo, Carlos Kruss Aflalo, Carlos Guimarães, Carlos Coelho, Carlos Sá Viana, Carlos Castanha Dias Costa, Carlos Gama da Silva, Carlos Semedo dos Santos, Carlos Costa, Carlos Palmela, Carlos Mendes da Costa, Carlos de Ornelas, Carlos Rei, Carlos Macedo, Carlos Queiroga Tavares, Carlos Pinto Coelho, Carlos Barral Filipe, Carlos Brito Leal, Carlos Manuel da Costa, Carlos Costa Branco, Carlos Cesar Gonçalves, Carlos Martins, Carlos António Cardoso, Carlos Francisco Mega, Carlos Oliveira Belo, Carlos Moura Cardoso, Carlos Antunes Ferreira, Carlos Fragoso de Vasconcelos, Carlos Júlio Ferreira da Rocha, Carlos Luísa Cardoso, Carlos Neves e Carlos de Vasconcelos e Sá, a quem foi feita de entrada, uma vibrante manifestação, por o verem de novo entre os seus consócios, quási restabelecido do desastre de que foi vítima.

No Clube Brasileiro

Festejando o aniversário da proclamacão da República Brasileira, no dia 15 do passado mês de Novembro, ofereceu a direcção do Clube Brasileiro, nos belos salões da sua sede, à rua Victor Cordon, um «chá dansante» seguido de jantar volante, que foi abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band». Houve também animadas partidas de «Mah-Jong» e de «Bridge».

Na assistência notavam-se além de vários membros do corpo diplomático, grande número de famílias não só da colónia brasileira como da nossa primeira sociedade.

A direcção desta aristocrática agremiacão deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com a primeira festa de inverno, que foi um belo prenúncio do que será a estação de inverno nos salões do Clube Brasileiro.

Casamentos

Celebrou-se na paroquial da Pena, presidido por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Évora D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocucão, o casamento da sr.ª D. Maria Isabel de Mendonça Lino Neto, gentil filha da sr.ª D. Matilde de Mendonça Lino Neto e do ilustre professor e advogado sr. Dr. António Lino Neto, com o sr. Dr. Manuel Pádua Ramos, filho da sr.ª D. Maria Jesuína Ramos e do sr. Augusto Pádua Ramos.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo também seus pais, que se fizeram representar respectivamente pela sr.ª D. Amélia Ramos e pelo sr. Dr. José Dias.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Alda Guia Sena Belo, esposa do coronel sr. João de Sousa Belo, foi pedida em casamento para seu filho João, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos Crédito e Previdência, a sr.ª Ivone Forte Bigote de Carvalho, interessante filha da sr.ª D. Beatriz Forte Bigote de Carvalho e do sr. Augusto Dagoberto Bigote de Carvalho.

A cerimónia deverá realizar-se no principio do próximo ano.

— Na paroquial do Coração de Jesus, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Edite Cardoso Cau da Costa, gentil filha da sr.ª D. Laura de Figueiredo Cardoso Cau da Costa e do sr. Carlos Cau da Costa, com o distinto advogado sr. Dr. Charles Edonard Debonnaire, filho da sr.ª Graciela Ferrão Debonnaire e do sr. Edonard Debonnaire.

Serviram de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Judite Cau da Costa Mendes Calisto, e a mãe da noiva e de padrinhos os srs. Dr. João Mendes Calisto, tio da noiva e Dr. Júlio Mirabeau da Cruz.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu filho Raúl, foi pedida em casamento pelo sr. Francisco da Costa Alvarenga Júnior, a sr.ª D Julieta Alves Barbosa, interessante filha do sr. Dr. Álvaro Júlio Barbosa, meritíssimo juíz de direito aposentado e enteada da sr.ª D. Alice de Morais Barbosa.

A cerimónia realízar-se-á no mês de Maio do próximo ano.

— Em Coimbra, na paroquial de S. José celebrou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Madeira Loureiro, gentil filha da sr.ª D. Joaquina Madeira Loureiro e do capitão sr. João Baptista Loureiro, com o sr. dr. João Francisco de Carvalho Marques, funcionário da secção de serviços jurídicos da Câmara Municipal do Pôrto, filho da sr.ª D. Maria do Sacramento Marques e do sr. Agostinho Joaquim Marques, já falecido.

Foram madrinhas as sr.as D. Aida Madeira Loureiro, irmã da noiva e D. Branca de Carvalho Marques, irmã do noivo e padrinhos os srs. dr. Euclides Simões de Araujo, reitor do Liceu de Aveiro e cunhado da noiva e António de Carvalho Marques, irmão do noivo. Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia, durante a qual um grupo de senhoras amigas da noiva, que fazem parte da Acção Católica da Freguesia, cantaram com acompanhamento de orgão, vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Aos noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se em Galises, perto de Oliveira do Hospital, Beira Alta, na igreja da Misericórdia, com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Laurinda Freire Pegado, com o sr. Viriato Morgado Liz, servindo de padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Luiza de Borja Trindade, e o nosso querido amigo sr. António Freire Pegado, pai da noiva e funcionário superior da Sociedade Estoril Plage, e por parte do noivo sua irmã a sr.ª D. Aurora Morgado Liz Godinho e seu cunhado o sr. António da Costa Godinho.

Terminada a cerimónia os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel, vindo depois fixar residência na capital.

— Na paroquial de Santa Marinha de Arcozelo, perto de Ponte de Lima, celebrou-se com grande pompa, o casamento da sr.ª D. Maria Adelaide Braga da Silva Martins, gentil filha da sr.ª D. Zulmira da Silva Braga Martins, já falecida e do sr. Augusto Gonçalves Martins, com o distinto engenheiro sr. Jerónimo da Cunha Pimentel, director técnico da Fábrica de Fiação e Tecidos de Ermesinde, filho da sr.ª D. Maria Carolina de Carvalho Sampaio da Cunha Pimentel, e do sr. dr. Jerónimo da Cunha Pimentel da Costa e Vasconcelos.

Foram madrinhas a sr.ª D. Maria Guilhermina Vieira Lisboa e a mãe do noivo e padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas partiram para Santa Luzia, perto de Viana de Castelo, onde foram passar a lua de mel.

— No Pôrto, celebrou-se na paroquial do Santíssimo Sacramento, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Vicent de Sousa Veiga, interessante filha da sr.ª D. Carmen Vicent de Sousa Veiga e do sr. Luís Veiga, com o sr. José Eduardo Dias, filho da sr.ª D. Laura Meireles Dias e do sr. José Cândido Dias, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Presidiu ao acto o reverendo Dr. Manuel Joaquim Valente, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, sendo acolitado pelo reverendo prior da freguesia.

Finda a cerimónia, que revestiu grande brilhantismo, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche.

Os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, partiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de Vieira de Leiria, o casamento da sr. D. Maria Fragoio, com o sr. João Armindo Faustino, tendo servido de padrinhos por parte da noiva as sr.as D. Conceição Dionisia e D. Alcina Parreira Gomes, e de padrinhos por parte do noivo, os srs. Manuel Mendes e João António Lopes Marques.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

A sr.ª D. Fernanda Guia dos Santos Vasques, esposa do sr. Gustavo da Costa Vasques, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saude.

— No Pôrto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Tereza dos Anjos Machado de Azevedo, esposa do sr. Eduardo de Azevedo. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Joana Severiana da Silva Magalhães, esposa do sr. Alvaro Nunes de Almeida Magalhães, teve no Pôrto, o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Em Coimbra, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Lídia de Oliveira Arrobas, esposa do sr. Manuel Ribeiro Arrobas. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Antónia Ferreira Mateus Gonçalves, esposa do sr. Francisco Pereira Gonçalves, funcionário do Banco do Hospital de S. José, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saude.

Baptizados

Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o baptizado do menino José Nuno Severo, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Domingas de Noronha de Mendóça e do sr. D. Nuno de Mendóça (Azambuja).

Foi madrinha a sr.ª condessa dos Arcos (D. Margarida), e padrinho o sr. Carlos de Noronha Cordeiro Feio.

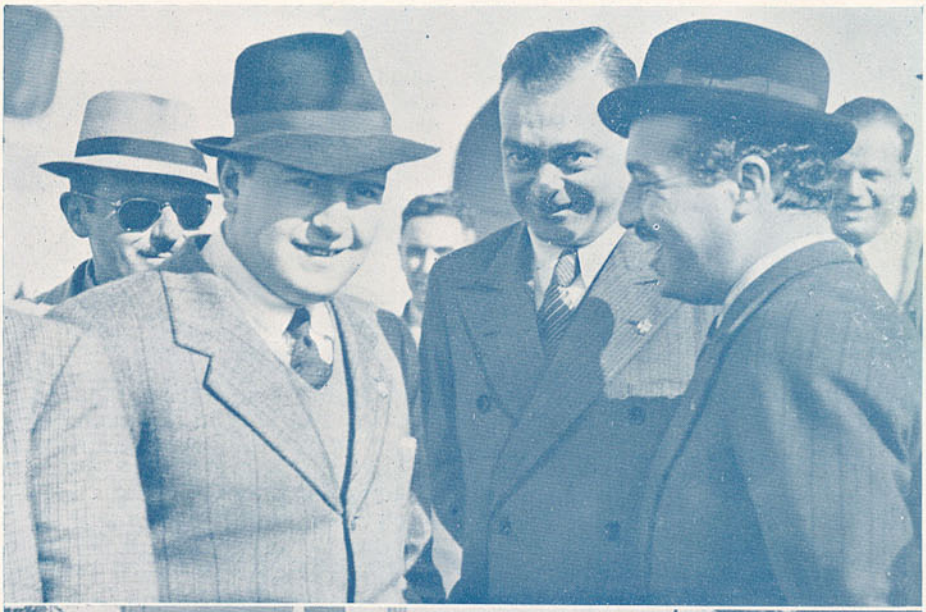
— Presidido pelo reverendo prior da freguesia Monsenhor Fernandes Duarte, celebrou-se na paroquial de Santos-o-Velho, o baptizado do menino José Luís, gentil filhinho da sr.ª D. Paulina Abrens Teixeira Correia de Melo e do sr. José Correia de Melo.

Serviu de madrinha sua avó materna a sr.ª D. Maria Inocência O'Neill de Groot Teixeira e de padrinho seu tio paterno o sr. Luís Francisco de Melo Correia.

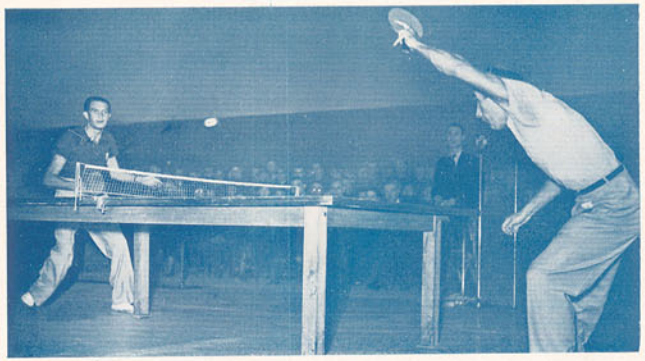
— Realizou-se o baptizado da menina Madalena Lucília, interessante filhinha da sr.ª D. Maria Lídia Garrido Iglésias do Vale e do sr. José Rodrigues do Vale, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Maria de Lourdes Costa, e de padrinho o sr. José Cunha.

D. NUNO

BRUNO MUSSOLINI EM LISBOA



Nas suas funções de director da companhia italiana que vai explorar a linha aérea de Roma para a América do Sul, com escala por Cabo Verde, Bruno Mussolini visitou Lisboa. As gravuras, em cima, mostram o ilustre visitante descendo em Sintra, do avião em que voou de Cabo Verde a Lisboa. — *Ao centro:* Bruno Mussolini, na sua visita à casa de Itália. — *Em baixo:* Um trecho da assistência ao banquete oferecido a Bruno Mussolini no Palácio Hotel do Estoril.



O «ping-pong», cuja popularidade é mundial, atrai sempre numeroso público que segue atentamente as evoluções vertiginosas da pequenina bola branca

A QUINZENA DESPORTIVA

DURANTE o ano lectivo que findou em Julho último disputaram-se em Lisboa por iniciativa dos próprios estudantes e com o patrocinio oficial, diversas competições desportivas universitárias que alcançaram êxito apreciavel. O empreendimento encontrou, no meio académico e na crítica, acolhimento francamente favoravel e foi por todos apontado como tentativa digna de ser conservada no nosso calendário de actividades desportivas.

A imprensa noticiou agora uma reünião dos delegados das várias universidades portuguêsas na qual foi aprovado o projecto das «Bases Regulamentares do Desporto Universitário», avalisado pelo parecer favoravel do sr. Comissário Nacional da «Mocidade Portuguêsa» e, melhor ainda, credor do assentimento do sr. Ministro da Educação Nacional.

Tôdas as referências publicadas sôbre esta interessantíssima iniciativa indicam como seu objectivo a organização anual dos Jogos Desportivos e dos Campeonatos Universitários em diversas modalidades.

A ausência de organização definida do desporto nos estabelecimentos de ensino superior já de há muito se fazia sentir como grandemente prejudicial para o progresso e expansão da prática dos exercícios físicos pelos indivíduos das classes sociais onde eles melhores resultados futuros poderiam assegurar.

A aprovação e dirigência oficial do projecto que acaba de ser estatuido é evidentemente uma garantia da sua próxima realização e, tambem, da orientação criteriosa a que ela será subordinada.

O vasto programa de provas incluido no programa anunciado sendo ótima finalidade porque representa o mais eficaz meio de propaganda em todo o País, não é no entanto o factor que encaramos com maior agrado, pois de forma alguma pode ser tomado como solucionatório para o problema da criação do desporto universitário; mas, que o sancionem as mais altas entidades responsaveis pela educação da nossa mocidade, garante a certesa dum trabalho preparatório, do verdadeiro estímulo e orientação do desporto universitário autónomo.

Nem se compreenderia que de outra maneira fôsse: como poderiam ser viaveis campeonatos de gimnástica, se nas diversas universidades a gimnástica não passasse a ser ministrada aos alunos por professores competentes em classes regulares? Que significado se poderia conceder a torneios desportivos universitários se a preparação dos seus concorrentes continuasse dependente, como agora, exclusivamente da sua actividade clubista?

O exemplo clássico dos estabelecimentos de ensino superior na Inglaterra e na América, aponta-nos como se consegue triunfar e desenvolver nas novas gerações uma mentalidade onde se reflita tôda a influência benéfica da moral desportiva e do conhecido preceito da alma sã em corpo sádio.

Não devemos esperar em Portugal resultados imediatos tão decisivos, porque os recursos do meio o não permitem assim, de pronto; mas rejubilemos porque o problema tenha já sido considerado com firmeza e saibamos esperar, que é a melhor das virtudes.

Algumas das nossas Faculdades possuem gimnásios e campos próprios onde é possivel começar imediata instrução, e estamos convencidos que nenhum clube desportivo se recusaria a franquear as instalações aos estudantes enquanto estes não dispuzessem de terrenos exclusivamente seus.

De importante resolução é, sobretudo, dar independência ao desporto universitário relativamente às organizações do meio civil, às quais não deve estar confiada a sua actividade; este critério, que de longa data temos defendido, passará talvez a ter realidade com a nova organização projectada e que, por esse motivo, consideramos de excelente iniciativa.

★

Os máximos desportivos que os homens de ano para ano empurram para mais vastos limites mercê do apuramento da técnica e da intensificação do treino, causam pasmo pelo confronto com as capacidades médias dos indivíduos que os julgam e aos quais a vida sedentária adormeceu as faculdades físicas.

No entanto, essas proezas dos grandes campeões, dos atletas capazes de correr duas léguas em meia hora ou cem metros à razão de 35 quilómetros horários, traduzem afinal a escassês dos recursos naturais da humanidade em confronto com aqueles de que dispõem outros seres do mundo animal. Existem, na escala zoológica, desportistas formidáveis e que ninguém aprecia devidamente; vamos apontar alguns exemplos curiosos.

Há alguns anos, alguns dos membros duma expedição geográfica americana que explorava o deserto de Gobi perseguiram, utilizando um automóvel rápido, certa gazela que se lhes deparara à beira do deserto.

A corrida durou uma quinzena de quilómetros e o animal conseguiu não ser alcançado apezar do carro atingir velocidade superior a noventa quilómetros por hora. A fadiga fez-se depois sentir e a gazela abrandou a marcha, mantendo-se durante cêrca de doze quilómetros num andamento aproximado aos quarenta horários, cessando a perseguição por avaria mecânica no automóvel, que permitiu a fuga do bicho.

Estas indicações classificam a gazela detentora do «record» da velocidade dos quadrúpedes, pois excede largamente o máximo do cavalo, que não vai além dos sessenta quilómetros, ou do galgo que atinge sessenta e cinco.

O «record» da gazela fica, porém, ainda, a perder de vista ao lado das velocidades verificadas nas aves.

O pombo vôa fàcilmente à média de cem quilómetros por hora.

Alguns aviadores relatam ter encontrado nas elevadas altitudes águias que seguem sem dificuldade o aparelho lançado a 150 quilómetros; a andorinha, de asas compridas e delgadas, corpo afilado de perfil aerodinâmico, excede os 200 quilómetros, e o gaivão supera-a ainda pois os naturalistas lhe apontam 316 quilómetros de velocidade de vôo, isto é, 88 metros por segundo!

Os pequenos animais realizam proezas desportivas mais pasmosas do que tôdas estas. A pulga, por exemplo, consegue dar pulos de meio metro de altura, o que parecerá à primeira vista insignificante; comparando, porém, estes cinqüenta centímetros com os milímetros que aquele animal mede, a proporção adquire todo o seu valor.

Para ser comparável em elasticidade à pulga o homem, levando em conta o seu pêso e estatura, devia saltar mais de 20 quilómetros!

A fôrça de tracção dum escaravelho é relativamente vinte e uma vezes superior à do cavalo, e a da abelha trinta.

Para, abrir a pinça dum caranguejo é necessária uma fôrça equivalente a trinta vezes o pêso do animal; se o homem possuisse igual poder na mão levaria a agulha do dinamómetro até 2500 quilos, em vez dos cinqüenta que são a média comum.

Finalmente, qualquer papagaio, acusando na balança 150 gramas, pode levantar com o bico uma gaiola com mais de três quilos. Proporcionalmente, um homem de oitenta quilos deveria suspender pelos dentes cêrca de duas toneladas.

Não podem restar dúvidas, depois destas observações, sôbre a pobreza de recursos físicos que a natureza concedeu à débil humanidade.

★

O tennis de mesa, desporto de sala vulgarmente conhecido pela simpática designação onomatopáica de «ping-pong», popularizou-se enormemente e, favorecido pela simplicidade de apetrechagem e facilidade de instalação em resumido espaço, é ao presente praticado em todos os clubes desportivos e sociedades de recreio possuidoras de instalações próprias.

As competições de tal jôgo, que oferece mais as vantagens de poder ser cultivado por toda a gente, constituir excelente exercício moderado e ótimo educador de reflexas, tornam-se cada vez mais freqüentes e interessam elevado número de praticantes e espectadores. Daqui provém para esta modalidade, que à primeira vista parece o mais inocente possível, um ambiente de estímulo mal interpretado onde se reflectem todos os vícios e irregularidades dos desportos de grande público.

Embora em condições de certificado impossível, porque os culpados nunca entrariam no caminho da confissão e provas materiais não existem, sabe-se perfeitamente que muitos jogadores mercadejam o seu clubismo e são subvencionados para reforçarem durante a época determinada equipa de colectividade à qual agrada brilhar nos torneios oficiais de ping-pong.

A par destes atentados à sã moral do desporto, que são os tristes sinais dos tempos, registam-se às vezes outros de menor importância mas que manifestam ainda a deturpada interpretação da nobreza dos princípios desportivos que se torna cada dia mais vulgar e contra a qual, infelizmente, se não levanta na crítica o menor reparo ou esboço de campanha corretiva.

Para os dirigentes desportivos actuais a única finalidade em vista é ganhar, ganhar de qualquer maneira, usando de malabarismos artificiosos para iludir a verdade da lei ou atropelar os preceitos da justiça: mentalidade desgraçada e que corresponde à absoluta negação do desportivismo.

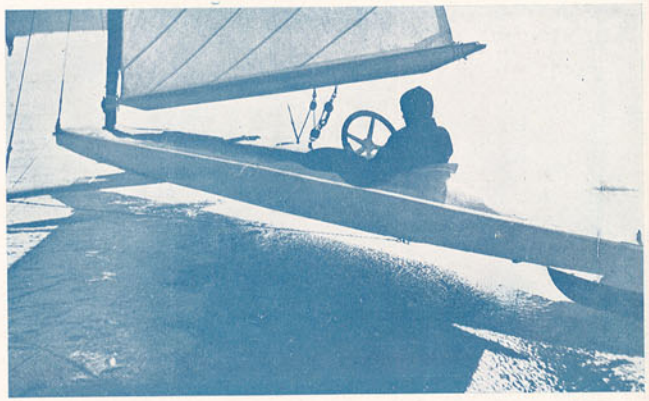
Vieram estas considerações amargas ao correr da pena sobre uma referência ao ping-pong porque nos recordou certo exemplo recente e ao qual não vimos fazer na imprensa que se diz educadora o mínimo comentário; que pensar da lealdade desportiva dos dirigentes dum clube que organizam determinados torneios e neles participam com equipas onde figuram elementos de valor que não pertencem à colectividade e foram recrutados só para êsse fim noutras agremiações, propositadamente não convidadas a tomarem parte nas provas? O caso é tanto mais tipicamente característico porque, quinze dias volvidos sobre essa competição, os mesmos elementos figuravam noutro concurso como adversários daqueles que haviam indevidamente procurado ajudar na conquista dum trofeu que seria pouco honroso.

O objectivo desta referência tardia, que nada pode remediar, é apenas focar um dos pontos defeituosos da interpretação moral do desporto no meio português, na esperança, pouco segura, de que um movimento de opinião promovesse a sua emenda para futuro.

O valor dum meio desportivo não deve avaliar-se apenas pela classe dos seus representantes mas também, e até principalmente, pela sua mentalidade.

Fazer desporto não é, como julga essa gente, ganhar de qualquer maneira; fazer desporto é lutar com brio e lealdade, procurando o melhor resultado, mas aceitando com nobresa a derrota pelo adversário, pois a única vitória que importa conseguir sempre é aquela que provém do domínio sobre os próprios instintos.

SALAZAR CARREIRA



Nos países nórdicos, sôbre os lagos gelados, o desporto da vela não perde durante o inverno os seus direitos, praticado em ligeiras embarcações assentes sôbre patins e que deslizam velozmente impelidas pleo vento

As equipas de tenistas de mesa do «Sporting» e de «Os Combatentes» que disputaram as finais dos certames organizados por esta segunda colectividade

CONCURSOS TRIMESTRAIS

A-fim-de liquidarmos, dentro do presente ano, os concursos charadísticos que ao mesmo dizem respeito, resolvemos inserir neste número os resultados do 3.º, reservando para o seguinte os resultados do 4.º. Por êste motivo solicitamos aos nossos confrades decifradores a remessa urgente das listas de decifrações.

DECIFRADORES

Totalidade de pontos (Desportos 41 a 46) – 87

QUADRO DE HONRA

Totalistas (concorrentes ao 1.º prémio)

Castela, Marcolim, Nuninho e Siulmo

QUADRO DE MÉRITO

(Concorrentes ao 2.º prémio)

Dr. Sicascar e Ti-Beado — 79. Alvarinto, Edipo, Fosquinha, Hanibal, Jorubasil, Lerias, Ricardo e Soba da Tôrre — 78. Romou Lácrimas e Sol de Inverno — 76. Dama Negra, Mirna e Sevla — 75. Agasio, Doris I, Francisco J. Courelas e Sevla — 71. Tarata e Visconde X — 68. Cigano, Diriso, D. O. X. e Neptuno — 64. Aureolinda e J. Tavares — 58. Aristofanes e Calaveras — 52

(Concorrentes ao 3.º prémio)

Anjo das Serras e Oliva — 42. Alda e Jónio — 36. Fradiavolo — 32. Enigmático — 26. Magnate — 10.

DECIFRAÇÕES

N.º 42

1 — Lusco-fusco. 2 — Primavera. 3 — Negocioso. 4 — Lepido. 5 — Teia. 6 — Ferula. 7 — Labrego. 8 — Fabular. 9 — Esquitar ou escontar. 10 — Dieta. 11 — Molesto. 12 — Viuvo. 13 — Denodo. 14 — Chanato. 15 — Cabana. 16 — Violão. 17 — Animo. 18 — Mais amor menos confiança.

N.º 43

1 — Fim. 2 — Estrato. 3 — Teatro. 4 — Catita. 5 — Ternura. 6 — Rabeta. 7 — Refricar. 8 — Caneco. 9 — Fundição ou Fundação. 10 — Granado. 11 — Deus deante o mar é chão.

N.º 44

1 — Catimbau. 2 — Bem aventurada. 3 — Caroço. 4 — Chocalhar. 5 — Deveras. 6 — Sorna. 7 — Tristemente. 8 — Omnia. 9 — Faguice. 10 — Nababo. 11 — Filante. 12 — Fogagem. 13 — Nefastos. 14 — Onde o lôbo acha um cordeiro busca outro.

N.º 45

1 — Narícula. 2 — Urgico. 3 — Tarote. 4 — Sacomão. 5 — Filosofia. 6 — Profundassem. 7 — Contentamento. 8 — Sem-luz. 9 — Mangalaço. 10 — Peleja. 11 — Lambedura. 12 — Mercedes. 13 — Diacho. 14 — Serviço. 15 — Sangrado. 16 — Natenta. 17 — Pipoco. 18 — Toesa. 19 — Matante. 20 — Loquela. 21 — Violar. 22 — Varola. 23 — Coisa rara, coisa cara.

N.º 46

1 — Caipora. 2 — Substancioso. 3 — Temeridade. 4 — Parvoalho. 5 — Adumar. 6 — Esclusa. 7 — Torulo. 8 — Lepido. 9 — Nanico. 10 — Tiara. 11 — Corrente. 12 — Amover. 13 — Espalhafato. 14 — Repetenada. 15 — Água fria sarna cria; água rota, sarna escoxa.

PRODUTORES

Para juiz dos trabalhos em verso, convidámos o nosso distinto confrade «Marcolim» que, gentilmente, acedeu ao nosso convite, dando-nos o seguinte parecer: *Logogrifos:* 1.º prémio: n.º 2 do «Desp.» n.º 46, de «Lérias». 2.º prémio: n.º 3 do «Desp.» n.º 46, de «Olegna». *Charadas e enigmas:* 1.º prémio: *Enigma* n.º 1 do «Desp.» n.º 43, de «Olegna». 2.º prémio: *Aditiva* n.º 3 do «Desp» n.º 41, de «Rocambole».

Para juiz dos trabalhos em prosa, convidámos o nosso ilustre confrade «Francisco J. Courelas» que, acedendo, também gentilmente, ao nosso convite nos enviou a seguinte classificação: 1.º prémio: *Sincopada* n.º 12, do «Desp.» n.º 44, de «Alguem». 2.º prémio: *Sincopada* n.º 13 do «Desp.» n.º 42, de «Castela». 3.º prémio: *Sincopada* n.º 11 do «Desp.» n.º 44, de «Ti Beado».

PRÉMIOS

Foram premiados no torneio anterior, respectivamente, com os 2.º e 3.º prémios os nossos prezados confrades «Miss Sporting» e «Fra-diavolo».

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 51

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Dama Negra, Fra-diavolo, F. J. Courelas, Magnate, Marcolim, Dr. Sicascar, Sevla, Tarata, Ti-Beado e Visconde X

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Horisontais: 1 — Na; cá. 2 — Soa; sol. 3 — Está; mera. 4 — Um; ar. 5 — Tiras; alvor. 6 — Ora; ala. 7 — Arena; acesa. 8 — Vil; tom. 9 — Brasa; arado. 10 — Lei; eco. 11 — Impor; domar. 12 — Avô; avó. 13 — Roda; orei. 14 — Ela; ana.

Verticais: 1 — Insecto; livre. 2 — Aos; ira; bem; olé. 3 — Aturar; ripada. 4 — Ara; Eva; ova. 5 — Sinistro. 6 — Ala. 7 — Ata. 8 — Ancorada. 9 — Mal; Ema; ovo. 10 — Servas; demora. 11 — Côr; olá; oca; ena. 12 — Palavra; orgia.

8) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

(Ao prezado confrade «Olegna» com os meus cumprimentos)

LEIRIA MAGNATE (LAC)

TRABALHOS EM VERSO

ADITIVAS (antigas)

(Ao Mestre «Sileno» — «Quanto mais tu me bates.. »)

1) Era muito natural,
ao passar, num relance de soslaio,
não sair grande acêrto!
Mas não faz mal:
— Dá ensejo a pagar o seu «enxêrto»
com outro «ensaio»...

* * *

O Fialho? Bem sei — um belo traste!
Ao diabo que o leve!
Veja lá que contraste
entre o que nos escreve:

«— Pobre «Bixo» das dúzias!
Foste *«téso»* — 2
«pela última vez!
«O «peludo» «Sileno»
«não te deixa uma fibra, um ôsso ileso!
«Olha, caro cadaver, rogo dês
«condolências sentidas à família...

«Pois julgavas, pequeno,
«que qualquer *gracejava* com a «fera»; — 2
«a levava à quizília
«com larachas à «salsa» que cultiva
«no sopé do nariz
«— e ficava inteirinho como era?!
«Inocência aflitiva
«meu petiz!

«Junto ao último adeus uma saüdade
«do teu velho
Fialho».
— Quem diria?
O Fialho é um biltre, hein, ó confrade?!
Ah, de-certo eu também *respingaria!*

Lisboa *Bixo-Knhoto*

ENIGMA

2) Mestre Gil da Parvalheira
Com muito dinheiro na arca;
Cogitou desta maneira
Um negócio de marca

P'los jornais anunciou
Aos bons, doentes e mudos:
— Eu a tôda a gente dou
'ma nota de mil escudos! —

Basta, se tanto vos tenta,
*Neste *contrato do Gil*
Só colocar cincoenta
E por troca leva os mil!!
.....
Mas... depois de um mês passado
O mestre Gil já gemia
Muito pobre e *atrapalhado*
Vendo a sua arca vazia

Lisboa *Nuninho*

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (Novíssimas)

3) Uma *sepultura* sem *lage* é uma *borboleta* sem azas. — 2-2

Luanda *Fernando Costa*

4) *Morre* com *vagar*, pois de contrário não tens *divertimento*. — 2-2

Luanda *Dr. Sicascar*

SINCOPADAS

5) *Fora daqui* seu pelintra! *procede* como homem de bem. — 3-2

Luanda *Mr. Le Bossat*

6) Foi neste *bárastro* que se despenhou o meu *senhor*. — 3-2

Luanda *Sergipe*

7) E' *muito grande* a nossa *ilusão*. — 3-2

Lisboa *Alguém*

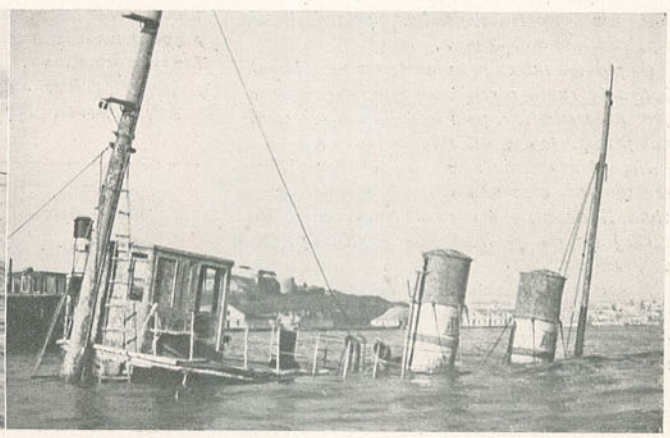
Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

---

* Verbo contratar.

FIGURAS E FACTOS

A inauguração da «Sala do Soldado» na Escola Central de Oficiais, em Caxias. Ao centro, vê-se o comandante da Escola, sr. general Conceiro de Albuquerque, acompanhado de sua esposa. — *À direita:* Henri Kerillis, deputado francês, Conselheiro Geral, director do jornal *Époque*, notável escritor e grande amigo de Portugal



O rebocador «Cabo Sardão», que se encontrava há mais de três meses no fundo do Tejo, foi posto a flutuar. As gravuras acima mostram: os dois primeiros flutuadores que vieram à superfície com a ré, e, à direita, o rebocador emergindo.

Hoje em dia, ter graça é mais difícil que resolver o problema da Paz. Consegue tê-la mais uma vez o nosso Armando Ferreira com a reconstituição de *A Família Piranga* em que o auctor mantém os seus créditos de maior humorista das letras pátrias.

Fumo do lar se intitulam os versos encantadores que o poeta Francisco Beliz enfeixou num elegante volume e nos forçou a lêr desde a primeira à última página pela singeleza cativante e inspiração repassada de ternura que os revestem.

Questões de hoje e de ámanhã é o título de um livro do sr. dr. Antonio Ruas, que decerto obterá o melhor acolhimento pelas qualidades que revela e pela envergadura de pensador que comprova nêstes «ensaios e comentários» de palpitante actualidade.

É sempre doloroso ver o direito esmagado pela fôrça, e, ver um país como a Polónia sofrer a tirania das más vizinhanças. Quando a Polónia readquiriu a sua independência e se libertou da negra escravidão em que vivia esmagada, deu provas imediatas de que merecia ser um país independente, pela vitalidade e patriotismo do seu povo.

Os polacos nunca se submeteram moralmente à tirania russa e reagiram sempre com coragem para admirar, pois a vigilância era contínua pela parte das autoridades invasoras.

Hoje é a mesma a sua resistência; a fôrça esmagou-os, mas não destruiu nos polacos, a alma Nacional, e é comovente ver como êles conseguem reorganizar um exército em terras de França.

Mas o que é ainda mais interessante é observar a vida da mulher polaca. A Polónia é um dos países em que a mulher mais intelectual nos aparece.

Numa época em que entre nós raras eram as senhoras que faziam um curso, que se dedicavam a estudos superiores; a Polónia dava ao mundo Maria Sklodowska, mais tarde madame Pierre Curie essa mulher extraordinária, que dedicou à Ciência tôda a sua vida, que sofreu tôdas as privações para estudar e que dotou o mundo com o Rádio essa descoberta maravilhosa, que permite á Ciência aliviar os males da humanidade, porque são essas descobertas as que honram os sábios e não aquelas que são apenas instrumentos de destruição que lançam a dor e o luto por onde passam.

A França nessa época estava cheia de estudantes polacas, que na Ciência e nas Artes se distinguiam.

No campo da Arte, Maria Duleba pintora distintíssima e inteligência invulgarmente culta, dum fervoroso patriotismo, preparava em Lwów onde vivia, as mulheres do seu país para a ressurreição que ela esperava e que de facto se deu.

Abandonou a arte que tanto amava para se dedicar ao movimento social político do seu país, na certeza de que a Polónia não ficaria debaixo do jugo das nações que a tinham repartido, e, como as mulheres de hoje ela dizia: "Não admitiremos nunca o direito do mais forte, nem a legalidade da conquista".

Reconhecendo o seu valor o 1.º govêrno da Polónia livre ofereceu-lhe a pasta da Assistência Pública.

Fatigada e esgotada ela não a recusou mas o seu primeiro passo foi visitar os prisioneiros polacos nos campos rutenos e ali apanhou uma febre tifoide que a matou em Março de 1919. Morreu com a satisfação de ter visto livre a sua pátria.

Uma escultora distinta Joana Reichert dotou o seu país de verdadeiras obras de arte e consagrou as suas horas livres a levantar o espírito das mulheres da sua pátria exortando-as a trabalhar contra o opressor.

No campo das letras Maria Kossak Rawlikowska poetisa distintíssima e Sofia Räsciszewska escritora bem conhecida assim como Maria Dabrowska e Maria Rakowska para não citar mais nomes, duma pleiada distintíssima, levantaram no seu país o nome da mulher e criaram um ambiente intelectual e moral à mulher polaca, que lhe permitiu sofrer com coragem admirável a desgraça que de novo devastou a sua infeliz pátria.

Um país que tem homens que o defendem e que, mesmo depois de esmagado e devastado ainda se levantam para o defender, e, que tem como filhas, mulheres da envergadura moral e intelectual das mulheres polacas, não é um país pequeno e tem o direito de existir e nunca poderá haver quem de boa fé aprove a sua destruição.

A fôrça está no número de homens e na bôca dos canhões, mas o valor moral reside na alma humana essa faísca divina que levanta o homem e que Deus lhe concedeu e um país que possssue tão valorosa alma e tão delicados espíritos é um país que tem direito à vida.

Às mulheres de Portugal torno conhecidos alguns nomes de mulheres polacas para que elas com o doce sentimento que é a sua encantadora característica os conservem no coração e as acompanhem neste momento doloroso.

MARIA DE EÇA

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

Hoje ocupar-nos-emos das «toilettes» de rua das meninas entre os dezasseis e os vinte anos e às senhoras reservaremos apenas um modêlo de vestido de noite. Há muitas mães que se não capacitam que as suas filhas crescem, que estão umas meninas a quem o trajo infantil não vai bem e vestem-nas sempre como bébés, o que as torna ridículas; outras senhoras há que em suas filhas chegando a uma certa idade deixam-nas usar o que lhes apetece o que em geral não dá também grande resultado.

A rapariga em geral tem a tendência a querer ser senhora e a imitar a «toilette» da mãe e de aí êsse exagero de pintura, que vemos em certas caras juvenis, que tanto as desfigura e afeia e algumas meninas vestidas com pesados casacos de pele e outras modas que não são próprias para a sua idade e que as desfeiam em vez de as embelezar, como é sempre o fim da mulher que escolhe uma «toilette».

Há também algumas meninas muito despreocupadas e que conservam a mesma ilusão que suas mães, que são sempre crianças. E' preciso pois demonstrar que se a simplicidade deve ser a lei no trajar duma rapariga muito nova, tem no entanto de se sujeitar a usar «toilettes» que sejam próprias para a sua idade, e que a embelezem como é devido à sua frescura e mocidade.

Cuidadosamente escolhemos alguns modelos que convém em absoluto e que aliam a elegância à simplicidade como deve ser nessas idades.

Para menina entre os desasseis e os vinte anos temos uma linda «toilette». Saia em fazenda de lã azul escura, tendo na frente duas largas pregas que formam macho. A jaqueta em malha de lã e em riscas azues escuras e brancas. As algibeiras são colocadas de maneira a formar guarnição. Cinto em pele azul escura e «écharpe» ao pescoço num azul turqueza. Chapéu em feltro escuro com um nó de veludo na aba e prego dourado. Sapatos de camurça azul escura, luvas e carteira da mesma côr; é um conjunto elegantíssimo.

Outra «toilette» no mesmo género mas que pode ser também usada por uma menina mais nova.

Saia em fazenda castanha clara, tôda plissada. Casaco em fazenda beije e castanha, cinto em pele castanha. Ficará muito bem por dentro do casaco uma écharpe côr de coral, que atenue o sombrio do castanho. Chapéu em feltro castanho com uma pena beije. Sapatos em camurça e pelica castanha. Estes sapatos não têm saltos, o que numa menina muito nova é sempre preferível.

Como abafo temos dois modelos que são muito próprios para menina e muito práticos e confortáveis. Um dêles é um casaco em «twede» formando xadrez.

De corte largo, modêlo que se vê muito em Paris êste ano; tem grandes algibeiras colocadas ao viez. Chapéu em «taupé» preto guarnecido por uma fita larga em volta da capa, que cai em franja sôbre a aba, sapatos pretos.

O outro casaco é num género de mais «toilette». Em grossa fazenda de lã azul escura é fechado até acima com uma gola alta que fecha com um bonito botão. Outro botão na cintura, fixa o estreito cinto da mesma fazenda que o cinge ao corpo. As algibeiras são colocadas no peito e com largas costuras. Chapéu em feltro azul escuro, luvas e sapatos da mesma côr.

Para que as senhoras não fiquem aborrecidas de serem esquecidas neste número, apresentamos-lhe um lindo modêlo de vestido de baile em «taffetas» azul pérola. A saia muito rodada e ampla tem uns elegantíssimos «paniers», que começando aos lados vão até atrás. O corpete empregueado é bastante decotado, tendo as costas mais subidas e alças na mesma seda. É um vestido que nos recorda o estilo 1880.

O penteado 1900 ressuscita as altas popas, que estão tendo grande voga.

O GUARDA-CHUVA

Este objecto que tantos serviços nos presta neste tempo de inverno em que não podemos ter confiança, em que a chuva não nos mimoseia com uma boa molha, é em geral detestado por tôda a gente apesar dos bons serviços que nos presta e aos quais devíamos ser gratos.

Logo que aparece uma réstea de sol é olhado com desdem e chama-se-lhe empecilho, embora se abra com satisfação às primeiras gotas de chuva.

Mas nunca houve um guarda-chuva mais discutido e mais célebre do que o de Chamberlain. Foi-lhe dada a maior importância e fez-se depender dêle a solução dos negócios mundiais. É célebre o guarda-chuva de Chamberlain. Mas não exageremos, nem o delírio pelo guarda-chuva político, nem o desprezo pelo modesto guarda-chuva que nos dias de inverno nos abriga das chuvadas, que sem êle nos encharcariam completamente. Sejamos gratos para com o guarda-chuva.

A EDUCAÇÃO E A ESCOLA

Um dos mais interessantes livros sôbre a educação publicados no princípio dêste ano foi sem dúvida o de Florence Gow, pedagoga americana. Nesse livro fala-nos com o maior critério da educação das raparigas e da conveniência que deve haver entre os pais e as professoras para que seja profícua a instrução e que se conjugue com a educação moral, que é preciso não esquecer.

Os pais confiariam às professoras as suas observações sôbre o carácter de suas filhas, mas fá-lo-iam com sinceridade e digâmos a palavra com honestidade, sem querer lançar poeira nos olhos com a falsa vaidade de declararem sempre seus filhos uns protentos de inteligência e cheios de virtudes, a professora ou professoras por sua parte fariam o mesmo e os seus esforços combinados dariam certamente os melhores resultados.

Nas crianças rebeldes seria da maior utilidade esse sistema, porque muitas vezes essa rebeldia representa um excesso de sensibilidade que torna a criança infeliz sobretudo se o ambiente familiar não é como para desejar duma perfeita harmonia.

Esta maneira de encarar a educação unindo-a à instrução é um problema que deve interessar muito todos os que se dedicam às crianças, e aos que têm filhos.

Embora haja muito quem pense que dando aos seus filhos cuidados materiais e instrução, cumpriu por completo o seu dever. E é bem longe disso, o dever dos pais, porque a educação moral, tem uma influência decisiva no carácter e portanto na felicidade daqueles, que têm obrigação de praparar para a vida.

Entre nós mais ainda do que na América é preciso chamar a atenção dos pais e educadores sôbre êste assunto, porque se a instrução se espalha por tôda a parte, a educação está sendo cada vez mais descurada.

DE MULHER PARA MULHER

Bibi: Não se preocupe com o que lhe dizem, não devemos nunca desprezar a opinião pública e devemos proceder de maneira a que a nossa consciência de nada nos acuse, mas se vai dar ouvidos a tudo o que lhe dizem verá as aflições que La Fontaine tão bem descreve na sua fábula o «Velho, o rapaz e o burro». Proceda dignamente com correcção e não se preocupe com a variedade de opiniões.

Janita: Esse modernismo não dá bom resultado, qualquer rapaz por muito bom que seja ao ver uma menina dar os primeiros passos, que muitas vezes lhe não solicitou, fica tendo em pouca conta o juizo dessa menina. Não tenha medo de ser bota de elástico e regule-se pelos antigos usos, espere a declaração que deve partir do rapaz. Se ouvisse o que os rapazes, na intimidade familiar dizem das meninas ultra-modernas e das suas ousadias, preferiria muito ser tida em conta de antiga e bota de elástico, e repare que ainda hoje, são essas as que casam melhor.

Desolada: Quando se teve a felicidade que me descreve, já é muito para agradecer a Deus. Não creia que se pode viver sempre tão bem; então êste mundo seria o paraiso. Quem é que não teve desgostos? Resigne-se e pense que há pessoas que em longas vidas não tiveram um dia de felicidade.

Mary: Coragem e continúe, verá como será bem sucedida. Não há nada melhor do que não ligar importancia. Usam-se capas e com a estatura que me diz ter, deve ficar-lhe muito bem uma capa.

Alda: Não pense nisso, só conseguiria vêr a sua casa destruida; feche os olhos e pouco a pouco e sem dar a conhecer o motivo, vá afrouxando as relações até as vêr completamente esfriadas.

Não lhe fale nunca nos defeitos dela. Seria um incentivo. Quando um homem tem uma mulher boa e que o estima, sente-se atraído por uma que seja má e o faça sofrer. Muita paciencie e diplomacia.

Marieta: Sim, pode aproveitar assim a pele que ainda está bonita, ou então fazendo a guarnição dum casaco de pano o que será talvez mais bonito. Para a pequenita é preferível um casaquinho branco em lã dos Pirinéus. É de maior duração e agasalha muito.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 10
Copas — 9, 8, 7, 6, 5
Ouros — R. 5
Paus — A. R. 5

Espadas — R. V. 2 Copas — A. R. V. 10, 4, 2 Ouros — D. 6, 2 Paus — 4	**N** **O** **E** **S**	Espadas — 9, 6, 5 Copas — D. Ouros — 9, 7, 3 Paus — D. 10, 9, 8, 7, 6

Espadas — 8, 7, 4, 3
Copas — 3
Ouros — A. V. 10, 8, 4
Paus — V. 5, 2

Trunfo ouros. **S** faz 5 vasas, saindo **O** por R. e A. de copas.

(Solução do número anterior)

S joga A *o*, **N** — 2 *p*.
S » *c*, **O** faz 9 *c*.
O joga paus ou espadas, baldando-se **S** a A *c* e R *c*.
N faz o resto das copas.

A idade dos irmãosinhos

(Solução)

Lena tem um ano; Joãosinho tem duas horas e Joaninha uma hora, sendo êstes dois últimos, gêmeos, é claro.

Qual será ela?

(Solução)

O número 8.

A domesticação e a exploração dos suínos datam de antiguidade bem remota.

Nas habitações lacustres da Suíça e em outras regiões do globo, têm-se encontrado ossadas de suínos que revelam terem sido domesticados na época em que o homem deixou de viver da caça e da pesca.

Cuvier considera o porco proveniente da domesticação do javali da Europa, e St. Hilaire julga-o descendente do javali da Ásia.

Hoje a maior parte dos naturalistas, considera a sua origem bem distinta da do javali.

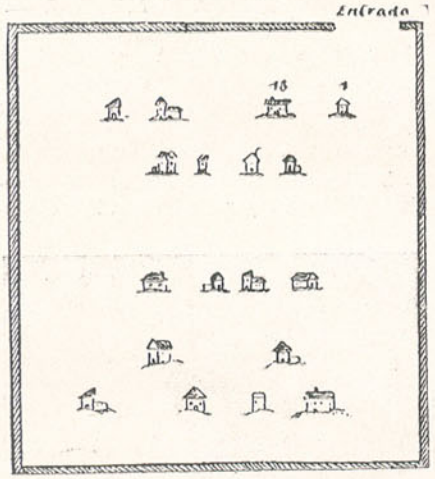
Um indivíduo cansado da vida, subiu uma vez, de madrugada, a uma montanha no Japão, disposto a suicidar-se, mas ficou tão maravilhado com a beleza do nascer do sol que resolveu desistir do seu intento.

Aviso importante

A Administração da ILUSTRAÇÃO previne os seus leitores do Brasil de que não devem fazer e pagar assinaturas por intermédio de qualquer pessoa que se apresente em seu nome para êsse efeito embora mesmo passando recibo em impresso da ILUSTRAÇÃO. Trata-se dum abuso de confiança de que esta Administração tem sido vítima e de que vai tomar providências.

Quebra-cabeças

(Problema)



Num parque, fechado por um muro contínuo, e com uma entrada única, há 18 chalés, distribuídos pela forma indicada na gravura. Há quem aposte em como baterá às portas de todos êles, sem passar duas vezes pela mesma porta, e sem seguir nunca caminho horizontal, isto é, no sentido da direita para a esquerda, ou vice versa. Serão os nossos leitores capazes de ganhar a aposta?

Alexandre Traliano refere que na Trácia se usava, para curar a dôr de cólica, tirar o coração a uma cotovia viva, engastá-lo em qualquer coisa e atá-lo à perna esquerda. Também para o mesmo efeito, segundo diz Ballonio, usavam-se em França antigamente as chamadas *pierres de colique*, extraídas da cabeça das curvinas, atando-as os doentes, encastoadas em oiro e dependuradas ao pescoço.

Dos dedos da mão, o polegar tem mais força que os outros quatro juntos.

Com um baralho de cartas podem jogar-se pelo *menos* 700 jogos diferentes.

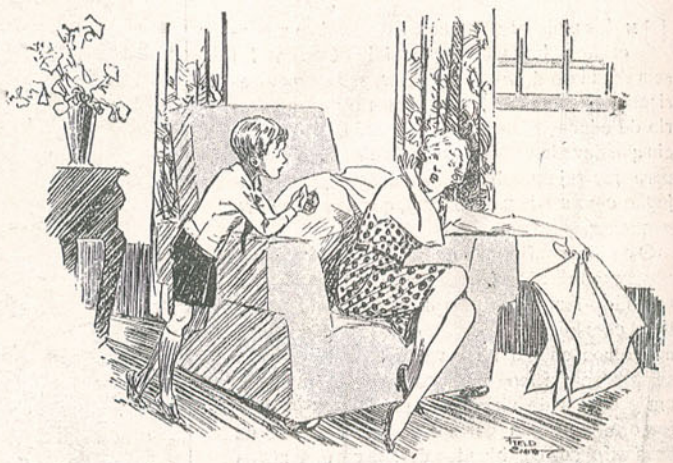
Figuras ocultas

Gostam de caramelos? São óptimos. Tôda a gente gosta dêles. Mas, ao que parece, êste vendedor não encontra quem lhos compre. Engano! Tem fregueses, e bem perto! O que estão é ocultos. Vamos nós procurá-los, sim?

O «record» do casamento

Parece ter sido uma jugoslava, Sofia Nishtchevitch, de 60 anos de idade, quem bateu o *record* mundial do casamento. Foi casada quarenta anos e durante êsse período teve dezasseis maridos. Enviuvou de cinco e divorciou-se dos outros onze por incompatibilidade de génios.

Há nas Antilhas uma árvore de 15 a 20 metros de altura, o Artocarpús, que póde considerar-se uma das mais úteis, na flora tropical; do seu tronco exuda um líquido espêsso e viscoso com o qual se fabrica uma grude que serve para muitos úsos industriais; êste mesmo tronco, escavado serve para a construção de pequenos barcos ou pirógas; a casca ou liber é textil, e serve para confeccionar vestuários; as fôlhas, muito grandes e resistentes, servem para cobrir as habitações e de envoltórios para alimentos; finalmente os frutos são a base da alimentação dos indígenas.



— Mãezinha, não te parece que êste pobre ratinho já está suficientemente castigado, aqui há tanto tempo? Posso abrir-lhe a porta, agora?

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116$72

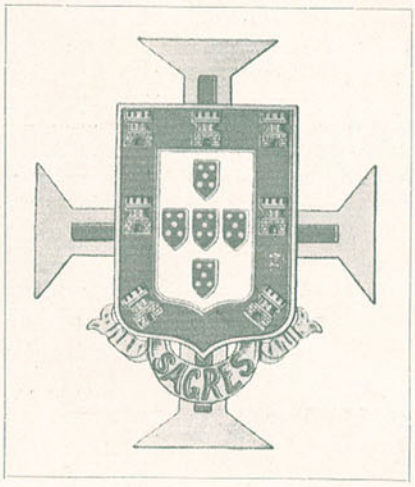
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada	2$00
Album da Cartilha Maternal, enc.	90$00
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol.	2$00

A Cartilha Maternal de João de Deus é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

LIVROS DE INGLÊS

DO P.e JÚLIO ALBINO FERREIRA

Adoptados nos liceus e escolas comerciais e industriais

Gramática inglêsa	**12$50**
Selecta inglesa	**15$00**
Commercial english	**18$00**
Can you speak english?	**15$00**
Método de inglês	**15$00**
Dic.º inglês-português (grande)	**60$50**
Dic.º português-inglês (grande)	**70$00**
Dic.º inglês-português (escolar)	**35$00**
Dic.º português-inglês (escolar)	**40$00**
Os dois juntos num vol.	**65$00**

DO MESMO AUTOR:

Método de francês — 1.º e 2.º vol, cada....	**6$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa, que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de TODOS OS LIVROS DE ESTUDO: PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc

MATCH

O semanário mais completo de actualidades mundiais

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Esc. 2$60

Paris-Soir

O jornal de maior reportagem mundial

Muito bem redigido e ilustrado

70 centavos

Marie-Claire

A mais bela, a mais completa, a mais interessante revista semanal feminina

Esc. 3$00

Distribuidores gerais: **LIVRARIA BERTRAND,** Rua Garrett, 73 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

Almanaque Bertrand

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres, do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado **10$00.** Encadernado luxuosamente **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benollel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$50; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos,** e estará concluida no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 9.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA